



CASSIANO NUNES:
POESIA E ARTE

Maria de Jesus Evangelista



EDITORA
UnB

Cassiano Nunes:
POESIA E ARTE



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Reitor

Timothy Martin Mulholland

Vice-Reitor

Edgar Nobuo Mamiya



Diretor

Henryk Siewierski

Diretor-Executivo

Alexandre Lima

Conselho Editorial

Beatriz de Freitas Salles

Dione Oliveira Moura

Henryk Siewierski

Jader Soares Marinho Filho

Lia Zanotta Machado

Maria José Moreira Serra da Silva

Paulo César Coelho Abrantes

Ricardo Silveira Bernardes

Suzete Venturelli

Maria de Jesus Evangelista

Cassiano Nunes:
POESIA E ARTE



Equipe editorial
Rejane de Meneses • *Supervisão editorial*
Yana Palankof • *Acompanhamento editorial*
Jupira Correa • *Preparação de originais*
Jupira Correa e Yana Palankof • *Revisão*
Capa desenvolvida pelos alunos Jethro Bezerra e Rodrigo Melo
na disciplina Análise Gráfica 2, com o professor Rafael Dietzsch
Imagem da Capa • *Quadro a óleo do artista plástico Sílvio Zamboni*
Fernando M. Neves • *Editoração eletrônica*
Elmano Rodrigues Pinheiro • *Acompanhamento gráfico*

Copyright © 2006 by Maria de Jesus Evangelista
Impresso no Brasil

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
SCS Q.2 - Bloco C - n° 78
Ed. OK - 2ª andar
70300-500 - Brasília-DF
tel:(0xx61)3035-4200
fax: (0xx61) 3035-4223
www.editora.unb.br - editora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação
poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio
sem a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela
Biblioteca Central da Universidade de Brasília

N972 Evangelista, Maria de Jesus
Cassiano Nunes: poesia e arte / Maria de Jesus Evangelista.
- Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2006.
116p.
ISBN: 85-230-0825-X

1. Literatura brasileira - crítica, interpretação. 2. Poesia.
3. Artes plásticas. I. Nunes, Cassiano. II. Título.

CDU 869.0 (81)

Sumário

| | |
|--|-----------|
| CASSIANO NUNES: DA ARTE PARA A POESIA, DA POESIA PARA A ARTE..... | 7 |
| Introdução..... | 9 |
| Dois pintores..... | 25 |
| Braque..... | 27 |
| Bonnard..... | 31 |
| Pintores..... | 35 |
| O quarto de Van Gogh..... | 37 |
| Sol num quarto vazio..... | 40 |
| Ante um quadro de Maria Helena Vieira da Silva..... | 44 |
| Brancusi..... | 47 |
| This is..... | 51 |
| Em busca do Brasil perdido..... | 54 |
| Sobre quadro de Marcos dos Santos..... | 56 |
| Um quadro..... | 60 |
| Ode a Oscar Niemeyer..... | 64 |
| Saudades de Vicente do Rego Monteiro..... | 67 |
| | |
| CASSIANO NUNES: O POETA CRÍTICO DE PINTURA..... | 71 |
| A pintura de dona Cândida..... | 77 |
| Athos Bulcão..... | 82 |
| Péricles Rocha, múltiplo e único..... | 87 |
| Anjos e sibilas..... | 92 |
| Auto-retratos..... | 95 |
| O pintor Ramon..... | 100 |
| A máquina de fabricar deuses..... | 104 |
| Valdir Jagmin: a poesia na pintura..... | 109 |
| | |
| Referências..... | 115 |

Cassiano Nunes:
da arte para a poesia,
da poesia para a arte



Introdução

*Devemos modelar nossas palavras
até se tornarem o mais fino invólucro dos
nossos pensamentos.*

Virgínia Woolf

Pa arte para a poesia e desta para a arte, Cassiano Nunes se consagra ainda mais como poeta e se inscreve no seletivo grupo de críticos de pintura. Nessa via de mão dupla da escrita, as relações interdisciplinares entre a poesia e as artes plásticas fazem-se presentes e conscientes. Optando pela tela como tema de suas composições, mais do que recriar um novo artefato poético, ele adquire um modo particular de bem perceber os processos de criação poética pictural. Exercita uma arte de análise e de crítica, capacitando para apreender os processos empregados pelo artista plástico. Daí decorre uma prática verbalizada em versos, isto é, o poema inspirado na pintura, no qual determinado quadro se impõe ao leitor como nova linguagem e epifania. Decorre também dessa modalidade artística um novo fazer literário, que se expressa nos seus escritos sobre pintura, com um agudo sentido crítico e literário, aqui apresentados como análise crítica.

Cassiano Nunes é poeta e professor de literaturas e de teoria literária. Hoje está aposentado das salas de aula da Universidade de Brasília. Vive entre livros, em uma residência-biblioteca, onde muitos dos seus ex-colegas e ex-alunos vão encontrar seguras lições. Ele chegou a Brasília em 1966, e, iniciando uma brilhante carreira de professor e escritor, tornou-se presença obrigatória em quase todos os movimentos culturais da cidade, que o acolheu com o título de Cidadão Honorário. Retornando dos Estados Unidos, onde lecionou na Universidade de Nova York e onde se fez conhecer também como

poeta e crítico, Cassiano decidiu fincar raízes no planalto central do Brasil, em cujas planuras recriou seu mítico "Paquetá", porto de sua infância em Santos, São Paulo. Brasília, a capital de todos os brasileiros, transformou-o em um dos seus filhos diletos.

Filho de imigrantes portugueses, Cassiano Nunes, que fora destinado por seu pai a ser Contador, ciência de seu primeiro diploma, tornou-se, por vocação e gênio, um dos mais conceituados intelectuais brasileiros, alcançando não só as melhores classificações acadêmicas, mas também o título máximo de sua brilhante carreira universitária, o de Doutor *Honoris Causa* da Universidade de Brasília.

Uma centena de publicações sedimenta sua vasta obra de escritor e poeta. Nela se inscrevem poesias, ensaios críticos literários e de cultura. Ainda que se ressinta com persistente depressão, Cassiano Nunes continua escrevendo e publicando, como se vê na recente edição do livro *Literatura e vida.*, publicado em 2004 pela Editora Universidade de Brasília. Seus poemas e escritos sobre arte constituem importante parcela dessa obra, sobre a qual realizei vários comentários e análises. Agora reúno esses poemas, juntamente com alguns escritos sobre pintura, para um estudo interdisciplinar, no qual se mostram determinadas relações de afinidade entre poesia e artes. Considerando que na obra poética de Cassiano Nunes essas relações se constituem em exercício constante de criação, podemos observar que as artes, pintura ou escultura, e também arquitetura, substanciam suas composições como inspiração e dialogismo. Ele adquire uma "ciência" de bem perceber os processos de criação artística e, conseqüentemente, capacita-se para a análise desses mesmos processos empregados pelos artistas na composição de suas telas. Nos ensaios críticos sobre pintura, encontram-se muitos dos pressupostos das afinidades entre poesia e artes. Isso vai possibilitar-lhe, então, uma prática poética em que o verso se impõe como veículo de comunicação com o leitor. Recria uma nova arte em uma linguagem de possibilidades e epifanias, que é a linguagem poética e literária. Com a exegese desses poemas e escritos sobre arte, pretende-se mostrar como isso se realiza.

Por questões metodológicas, o trabalho divide-se em duas partes. Primeiramente, analisamos os poemas sobre artes plásticas. Estes constituem o *corpus* para nossos estudos. É uma seleção de composições inspiradas nas importantes obras de pintores e escultores célebres por sua arte moderna ou contemporânea, como os impressionistas franceses, conhecidas e admiradas pelo poeta quando de suas visitas a museus na Europa, Estados Unidos e alhures. Podemos observar nessa série de poemas como o escritor exercita uma arte a partir de quadros famosos, em que a poesia, recriando as telas como seus temas, perfaz um percurso lírico e poético, em uma relação dialógica em que o poema serve ao quadro e este se relaciona com a poesia, em uma íntima proximidade estética e artística, em que verso e tela comungam das mesmas regras e normas de criação.

Na segunda parte, destaca-se uma nova relação da literatura com as artes plásticas. Com linguagem e estilo próprios da crítica sobre pintura e com elevada sensibilidade poética, sobressaem no discurso crítico de Cassiano as qualidades da boa crítica de alguém que conhece as artes, que bem sabe do seu *métier*. Em analogia com o que se vem cristalizando em crítica literária, segundo a qual ninguém melhor para fazer crítica de poesia do que o poeta, talvez haja também no poeta sensibilidade especial para apreender a obra de arte plástica e bem analisá-la. Parece-me ser isso o que ocorre nas análises críticas realizadas pelo poeta Cassiano Nunes, que, além de conhecer as artes plásticas, gosta de pintura e de escultura, mantendo com essas artes uma convivência de bem-estar e prazeroso diálogo. Eles resultam da vivência do professor Cassiano nos meios culturais e artísticos do Brasil. São estudos e análises interpretativas de telas e desenhos expostos em privilegiados espaços culturais. Para maior riqueza desses escritos e a título de ilustração, apresento fotos de originais dessas obras. Aliás, algumas delas compõem a pinacoteca de Cassiano, fato bastante significativo do seu amor às artes. Sobre essa parcela da poética de Cassiano fazemos um trabalho de análise e interpretação, com destaque sobre as estreitas relações de proximidade estética e estilística entre o poema e a pintura. Com isso tentamos

descobrir em que nível se fazem mais pertinentes as afinidades do poema, arte da palavra, com a pintura, cuja linguagem se distingue por formas e movimento, cores e perspectivas, isto é, uma arte que se define por característico geometrismo e original cromatismo.

A poesia de Cassiano Nunes e as artes plásticas guardam estreitas relações de afinidade quanto a normas e regras artísticas. Com o ato de apropriar-se de um quadro, o verso cassianiano irmana-se com a pintura nas sugestões de movimento, formas e cores, com o poder mágico e encantatório da palavra. Dimensiona seu poema com ricas sinestésias. Ao analisarmos os poemas sobre as artes, bem como os escritos, ainda inéditos, observamos como o poeta trabalha de modo interdisciplinar a poesia e as artes. Por meio desse trabalho artístico, Cassiano participa da história da literatura brasileira contemporânea, à maneira de Manuel Bandeira, de Murilo Mendes, ou mesmo de João Cabral de Melo Neto.

Os poemas selecionados, pertencem, principalmente, aos livros *Poesia - I* e *Poesia - II*,¹ publicados pelas Edições Galo Branco, do Rio de Janeiro, em 1997 e 1998, respectivamente. Os escritos sobre pintura são todos inéditos e me parecem de acentuado valor histórico e artístico, revelando o poeta Cassiano Nunes também como original crítico, um escritor de muitas Letras. Esse outro lado do intelectual consagrado expressa mais uma dimensão do poeta de *Madrugada*, magnífico livro de emocionantes versos intimistas. Esses ensaios revelam-no privilegiado *voyeur* de pintura, escultura e arquitetura, artes por excelência do olhar sob a luz. Nesse modo de ver o mundo e sentir o universo sob a luz, facilmente perceptível na sua obra literária como um todo, particulariza-se aqui com a predileção pela pintura, e com o envolvimento do sujeito em um acentuado humanismo, tão pertinente nessa série de poesias e nos ensaios.

Sabendo que me interesse pelo tema da poesia em suas inter-relações com as artes plásticas e que eu gostaria de publicar alguns poemas sobre esse assunto, Cassiano Nunes prontificou-se

¹ As referências sobre os livros *Poesia-I*, 1997 e *Poesia-II*, 1998, são indicadas só com a data seguida do número da página, conforme as normas.

em receber-me na sua residência. Nesta, uma rica biblioteca ocupa todos os espaços possíveis, até as paredes de seu quarto de dormir. Concorrendo com esse invejável acervo, espalham-se em todas as dependências da casa, relativamente grande, belos quadros, raras telas, esculturas, estatuetas, prêmios e medalhas. "Estou me tornando um colecionador de arte", confessa Cassiano com seu humor sadio, cuja fidalguia não esconde um discreto sorriso de ironia.

Mostro-lhe o projeto, bem como a seleção dos textos que pretendo publicar. Seus olhos percorrem esse material. Ficam um pouco distantes nos textos críticos, como se refletisse sobre eles quanto a possíveis datas e até mesmo se valeria a pena serem publicados. A seguir, fixando o olhar nas poesias, aprova a seleção dos textos, com uma rápida leitura, ou citando de cor e com velado prazer esses contidos, mas tensos e belos versos. Parece-me ver no seu olhar e, principalmente, na sua especial dicção, que o cidadão Cassiano Nunes gosta do que vê e ouve. Tenho sua aprovação. Aprovada a escolha e após uma rápida leitura de muitos desses poemas, confessa sua predileção pelas cores, dizendo que seu primeiro livro de poesias chama-se *Prisioneiro do arco-íris*. "Mesmo os cinzas com



suas nuances mais sombrias são cores a formarem significativo claro-escuro característico da pintura." Quanto a isso concordo com o poeta. Podemos dizer que tudo em sua poesia tem cor e movimento, cor e formas. Seus poemas imagisticamente formam verdadeiros quadros, independentemente dos nomes de pintores ou de telas que os identifiquem. Como exemplo cito-lhes os versos: "Os campos azuis / em que passeamos nossa ansiedade!", do poema "Lutadores" (1997, p. 10). É uma poesia visual em que a superposição de pintura e escultura se faz com pertinência de tema e ritmo. Somos concordes quanto às qualidades de plasticidade desses versos, embora "Lutadores" não participe da seleção de poesias sobre artes plásticas.

Cassiano Nunes é um homem culto, o que pode ser percebido em toda a sua poesia e lhe serve de guia na boa crítica sobre a arte em geral, sobretudo literatura e pintura. Com isso, qualquer fato humano provoca-lhe analogias, que, armazenadas, substanciam seu discurso poético e crítico. Não é raro encontrar-se em sua poesia mais que a imagem poética de recriação intelectual de privilegiado observador. Poemas como "Triunfador em Buenos Aires" e "Rapazes de subúrbio" são quadros. Ao lê-los, ele afirma: "Este é um quadro. Foi lá (em Buenos Aires) que vi esta realidade". Reler com emoção os expressivos versos que descrevem o belo jovem portenho, de corpo em oferta, cujos movimentos expressam a figura central do quadro, com suas possíveis cores e perspectivas de enquadramento em uma avenida iluminada pela presença do sensual corpo masculino.

*Passou. A soberba
juba encaracolada.*

*Flexuoso,
o junco do corpo.*

*No andar,
o ritmo do rock.
(1997, p. 56)*

Igual tratamento é dado a jogadores de pobres campinhos de periferia em catarses domingueiras do poema "Rapazes de subúrbio", do qual Cassiano Nunes, como crítico *ad hoc*, diz ser também um quadro. O poeta revela, nos 28 versos do poema descritivo e narrativo, o dom especial de filtrar a dura realidade desses subúrbios. Em uma fraterna visão de mundo e com aguda sensibilidade, ele transforma a banalidade cotidiana em beleza e poesia, humana sensibilidade que o leva a sentir o mundo com elevação espiritual.

*Nos gramados varzeanos,
seus corpos flexíveis
desenham dribles,
tocados de fantasia.*
(1997, p. 69)

Essa "química" estilística repete-se em muitos dos seus poemas. Chega a tornar-se uma característica da poética cassianiana. Leva-o, como podemos observar, a finalizar muitas de suas composições com chave de ouro em uma espécie de *gran finale* de ascensão espiritual, se assim se pode dizer, como que uma redenção da culpa edênica, em que o sujeito lírico alcançaria harmonia e paz. Os exemplos desse bem finalizar multiplicam-se em sua obra. Nesse sentido, apesar de só analisarmos os poemas em que o tema pintural se encontra claramente expresso, citamos a seguir alguns exemplos:

*Espera um pouco, amigo!
Espera um pouco
pela ressurreição.*
("Espera um pouco", 1997, p. 7)

*Enfim, tudo, tudo nos separa:
menos o absurdo do amor.*
("Poema de exceção", 1997, p. 8)

Há poetas, e muitos bons poetas, que somente de raro em raro apresentam versos sobre os quais se pode dizer que são belos. Na poesia de Cassiano Nunes, graças à singeleza com que recria o objeto de sua atenção, pode-se dizer multiplicadas vezes que belo é o seu verso, justo e essencial. Minimalista:

*Como em certa noite
em humilde estábulo
pousou uma estrela
resplandecente.*

("Versos para certo hotel", 1997, p. 11)

*fisgo um peixe de prata
e ascendo às estrelas!*

("O mergulhador", 1997, p. 17)

*Só é nobre o papel
alvo que se sujou
com as digitais do Homem.*

("Ensinando um pássaro a cantar", 1997, p. 19)

Criador de felizes metáforas, Cassiano sabe o segredo de sua beleza e simplicidade. Nesse sentido, e se fosse necessário inseri-lo em correntes estéticas, o jovem companheiro de Mário de Andrade, modernista como este, enquadrar-se-ia no lirismo dos simples à maneira de Manuel Bandeira. Aí se filia sua simplicidade poética, maneira de ser de sua criação.

A convivência que se tem com um escritor, a quem se admira impõe algumas dificuldades quando se deseja analisar suas obras, questões de imparcialidade e ajuizamento. Conforme teorias do doutor padre Thomazi, a relação de amizade e de admiração interfere no ato crítico, ainda que inconsciente. Segundo esse professor e diretor da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Católica de Goiás, conhecedor da psicologia humana, não somente como

humanista mas também como doutor em psicologia, a admiração e a amizade contaminam uma e outra das partes envolvidas de natural insegurança, o que, inconsciente ou não, vai perturbar a livre expressão crítica. Sabemos também que existe enorme diferença entre o espanto que sente o leitor no recesso da leitura solitária, como leitor "desprevenido", e a crítica encarada como desafio, que se pretende imparcial e com justa expressão para falar da beleza de muitos versos, como os de Cassiano Nunes, em tudo grandiosos. Portanto, devemos seguir a lição do poeta: "A fruição é mais fina, o saborear é mais crítico, a degustação é mais sábia, mais exigente". E se dizemos "grandiosos" para os seus versos, devemos evitar o termo "grandiloqüentes" epíteto muito distante da maneira de ser de Cassiano e da formalização de sua poética. Assim, não falo de eloquência, mas de sensibilidade, emoções viscerais em contidos versos, tensos na justa medida dos versos curtos, os quais poderiam ser considerados como representativos de acentuado minimalismo poético. Centelhas, estrelas candentes em céu de anil... Luzes... É isso! Espantam-me seus versos como flechas luminosas. Luzes que são cores, pois transfiguram em arte e beleza a cena rude e crua da realidade:

*Por que não sou como os marinheiros
que bebem esquecimento?
Antes pertenço
à espécie dos pássaros
que se embriagam de amplidões,
sem que lhes amorteça
o instinto do ninho.*
("Poema do aeroporto", 1997, p. 20)

Esse desejo de partir do poeta tem algo que lhe serve de bússola para a volta ao lar - "um país vasto e primitivo" -, conduzindo-o na segura expressão da boa forma poética, de harmônico ritmo, que é também o sexto sentido, a que se pode chamar

de antena do vate. Sobre isso, constata-se com frequência na sua poesia a presença reiterada de "cais" de "aeroporto" e dos demais temas correlatos a partidas, a viagens com retorno de filho pródigo "do Brasil perdido".

O poeta é um estóico, o que não impede de ouvir-se aí a ária límpida da flauta sonora de prata, premiada trilha sonora da vida, cinematográfico prêmio dos desvalidos. O estoicismo presente na poesia de Cassiano Nunes é antes virtude, pois ele é um poeta alegre. Alegre nas suas relações com as pessoas, alegre nas poesias que escreve, algo bem distante do poeta *blasé*. Alguns aspectos melancólicos de seus poemas são parte da criação artística, são pose, metáfora para distanciar-se da subjetividade, camuflar reais motivos de temas intimistas de muitos de seus poemas. Isso para não repetir a frase que se tornou chavão, "o poeta é um fingidor."² Se não é alegre como sujeito lírico, é contudo de humor sutil, às vezes com fina ironia, o que, sendo uma característica estilística, se faz também um traço de sua personalidade. Como característica estética o estoicismo marca a procura da simplicidade de seus poemas intimistas com ritmo natural de quem vê a vida com beleza e poesia, nem sempre visíveis aos olhos. Esse é igualmente o ritmo de sua personalidade. Fundem-se, assim, em um só *corpus* lírico homem e poeta no ritmo da vida e da poesia, esta muitas vezes confessional. "Sou de Santos", diz ele, e acrescenta:

*Corri mundo.
Vim parar no Planalto Central
onde, solitário, entre livros,
contemplo os últimos anos.*
("Sou de Santos", 1997, p. 59)

E Maria Lúcia Verdi, poetisa amiga de Cassiano, encontrando-o, distingue:

² Fernando Pessoa.

*Cassiano caminha no cerrado
O seu leve oscilar do corpo
e o oscilar da natureza
Nele a flor recolhida, inesperada
que vence a terra dura e seca.³*

Multiplicam-se os vários exemplos de sua poesia intimista, a qual revela a um só tempo o Cidadão Honorário de Brasília e o poeta da gente simples. Tudo é matéria para sua poesia. O que não o impede de sentir solidão ainda que povoada de arte. Tornando-se o escritor muitas vezes presa fácil de sua humanidade:

*É então que me atraíçoa
a canhestra ternura
(o gaúche sentimento
que me expõe e me envergonha,
tão inadequado
ao mundo e sua ronha.)
("No Quintanas Bar", 1997, p. 30)*

Aceita, porém, a bruta realidade de sua carência e solidão, como se vê na estrofe final do poema "Canção do amor tranquilo" (1997, p. 32):

*Aceito o meu destino
sem queixa. Estou sereno
e encosto o meu rosto
no teu ombro moreno.*

Cassiano Nunes é muito bom poeta. A crítica precisa reconhecê-lo também como crítico de arte. Seria de proveito para a história das artes no Brasil se fossem publicadas suas análises sobre as exposições de pintura. Com esses escritos sobre pintura, o ensaísta

³ VERDI, Maria Lúcia, DF Letras, Brasília, ano V, n. 63-69.

consagrado de *Felicidade pela literatura* também pode ser considerado crítico das artes plásticas, mesmo que a si se negue esse título. Sua "análise" de quadros e desenhos lembra a excelência da crítica do poeta Murilo Mendes, o que seria suficiente para considerá-lo igualmente crítico de artes plásticas. Esse seu trabalho de crítica expressa a preferência do poeta pelos estilos artísticos.

Tomados como matéria de poesia e de sua análise crítica, esses poemas e escritos sobre arte apresentam dupla significação. Primeiro seria sua preferência pelos estilos artísticos, expressa nos poemas sobre pintura, sobre as artes que o inspiraram. Essa poesia testemunha o intelectual em que se transformou esse filho de imigrante português. Segundo esse fazer poético, recriando o quadro como tema de sua criação literária, põe em relevo os processos de factura não só do poema, mas também da crítica que realiza sobre pintura. Isso é importante para mostrar as estreitas relações entre poesia e pintura. Nesse esquema de câmbios, a estrutura plástica concorre como significativa tanto na estruturação do poema quanto na formalização do discurso crítico, como podemos ver com as análises dos poemas nomeados a seguir. Eles podem ser considerados análise temática e poética. "Dois Pintores" / "Braque", "Bonnard"; "O quarto de Van Gogh"; "Sol num quarto vazio"; "Ante um quadro de Maria Helena Vieira da Silva"; "Brancusi"; "This is"; "Em busca do Brasil perdido"; "Sobre quadro de Marcos dos Santos"; "Um quadro"; "Ode a Oscar Niemeyer" e "Saudades de Vicente do Rego Monteiro".

Não somente quanto aos conteúdos temáticos são os ensaios sobre os artistas plásticos brasileiros, igualmente nomeados a seguir: "A pintura de dona Cândida"; "Athos Bulcão"; "Péricles Rocha, múltiplo e único"; "Anjos e sibilas"; "Auto-retratos"; "O pintor Ramon"; "A máquina de fabricar deuses" e "Valdir Jagmin: a poesia na pintura".

Defrontar-se o poeta com a obra de arte plástica implica sentir e recriar "vozes" para uma nova forma. Nas suas relações com a pintura, por exemplo, essas vozes se fazem de apropriações e formam verdadeiros quadros nos quais podemos ver cores, movimento

e formas, com profundidade e enquadramento de paisagens e personagens, ainda que se abstenha o poeta de referenciais de pintores ou de suas obras. Como uma atração irresistível, a pintura substantia as poesias de Cassiano Nunes. Aliás, como motivo temático as artes plásticas estão sempre presentes na recriação de escritores, principalmente de poetas. Entre os poetas brasileiros existem excelentes exemplos como o de Cassiano Nunes. Tomando como tema o quadro, a escultura ou mesmo a arquitetura, ele tem consciência de que sua escolha lhe permite construir pequenas obras-primas. "São verdadeiros quadros", afirma ele apontando poemas como "Lutadores" ou "Triunfador em Buenos Aires". Esses poemas, embora sem referência a pinturas ou pintores, têm na simbólica representação de relações sentimentais e humanas a superposição de cores e movimento, que concorrem para constantes analogias entre o poema e o quadro, mesmo expressando emoções intimistas, como se apresentam nos primeiros versos de "Lutadores":

*Oh! Os campos azuis...
em que passeamos nossa ansiedade!
Colibris de trépido berilo,
ribeirões borbulhando prata...*
(1997, p. 10)

Podemos observar nesse poema de 14 versos livres afinidades entre o quadro e a "tela pintada" com palavras em que se tornou o poema a partir de expressões como "nos campos azuis" e "ribeirões borbulhando prata..." referencial simbólico da água-purificação do amor na idéia de condenação primordial. Aliás, no livro de poesias *Prisioneiro do Arco-Íris*, sua primeira obra poética, Cassiano Nunes já revela preferências pelas artes pictóricas. Prenuncia a gênese natural dos poemas dessa série.

Sem o rigor de metodologias, convém lembrar que a compreensão do poema nas inter-relações com as artes plásticas é um tema constante na história e na crítica das artes. Assim como a poesia é

a arte da imagem a partir do verbo, a pintura é a arte da imagem por excelência com sua linguagem de cores, formas, relevo e movimento. No entanto, as duas artes estão subordinadas às mesmas regras e normas e se irmanam em um mesmo processo mimético de criação estética. A bibliografia sobre o assunto é extensa, tanto de especialistas nas artes plásticas quanto de escritores de poesia e literatura, bem como críticos de arte em geral. Não é raro escritores se transformarem em críticos de artes plásticas. Os exemplos de pintores preocupados com a teoria de sua arte são constantes na história da cultura. É o caso de Renoir e Baudelaire, ambos, pintor e poeta, escreveram ensaios sobre literatura e sobre arte. No Brasil, temos o exemplo de Jorge de Lima, poeta que se fez pintor e crítico de arte. Logo, as relações de proximidades entre poesia e pintura não são somente constantes, mas também desejáveis.

Segundo a história das artes e a teoria dos estilos artísticos, as artes plásticas, principalmente a pintura, são irmãs da poesia. Assim sendo, interpretar suas estruturas formais, em uma relação de familiaridade, é compreender que a pintura é uma "poesia muda", enquanto a poesia é uma "pintura falante". Isso vem sendo historiado ao longo dos séculos nos comentários atribuídos a Simonides de Cós pelo historiador e moralista, grego Plutarco, nascido entre 50 e 125 anos depois de Cristo, em Queronéia, talvez na sua obra *As vidas paralelas*. Essas teorias consideram a consanguinidade entre a poesia e a pintura. Deve-se porém distinguir o nível indicado pelas semelhanças de composição de cada arte, pois a essência da poesia é linguagem e epifania, diferentemente da pintura, que se particulariza em perspectivas e geometrismo de cores e forma. Assim, durante séculos, pintores buscam inspiração em textos literários, enquanto escritores, particularmente poetas, tentam, com uma recriação de telas, pôr diante do olhar dos leitores imagens, verdadeiros quadros que, em princípio, somente as artes visuais poderiam adequadamente oferecer. Reiteram-se conceitos de que a poesia é irmã privilegiada da pintura. Essas inter-relações entre as artes têm duas faces. Se por um lado aceita-se, com Aristóteles, que as diversas

expressões artísticas do gênio humano compõem um único sistema, pois todas se fundamentam no conceito de mimesis reconhece-se por outro, segundo, o mesmo grande filósofo, que as artes diferem entre si pelos meios e modos de imitação, assim como pelos objetos que imitam, conforme exemplo do poema "Braque". Esse parentesco fundamenta a leitura que faço dos poemas e dos textos de crítica de pintura de Cassiano Nunes. Isso não é porém tão simples, nem na história da arte, nem tampouco na teoria da literatura. A transmissão da pintura à poesia e da poesia à pintura "é algo quase imperceptível". Tais relações não dizem muito acerca do estilo, da linguagem em que "os empréstimos são feitos", conceituo entre citando e parafraseando Mário Praz. E acrescento: "O fato de um poeta ter um pintor presente ao espírito durante a composição de seu poema não implica similaridade entre poética e estilo" (1982, p. 13).

Entre os bons estudos sobre o assunto, destacam-se os últimos trabalhos de Danilo Lobo, professor de Literaturas na Universidade de Brasília, falecido em 26 de julho de 2005. Primeiro é o livro *O poema e o quadro: o picturalismo de João Cabral de Melo Neto*, num excelente ensaio sobre a poesia de João Cabral, nas suas afinidades com a pintura. Posteriormente, Danilo publicou o livro *O pincel e a pena: outra leitura de Cesário Verde*. Trata-se de estudos atualizados sobre a obra do poeta português do século XIX Cesário Verde, nascido em Lisboa. Ambos foram realizados sob um ponto de vista interdisciplinar. Aliás, ele continuava nessa linha de pesquisa com muito sucesso. Recentemente escreveu excelentes trabalhos sobre Clarice Lispector e Murilo Mendes, que ficaram inéditos, bem como uma análise que faria de "Dois Pintores" "Braque" e "Bonnard", poemas de Cassiano Nunes a propósito de pesquisas que vínhamos desenvolvendo como membros do GT, Teoria do Texto Poético, da Anpoll. Considerando-se, portanto, as qualidades plásticas da poesia de Cassiano Nunes e graças à sua crítica sobre pintura, ele pode ser comparado a esses críticos. Com sua prática poética e com o exercício de crítico de pintura, ele é exemplo do intelectual engajado na problemática das relações de afinidade entre o poema e as artes plásticas.

Os poemas de Cassiano Nunes sobre quadros podem ser separados em grupos a partir dos seus temas, de sua estrutura formal e ainda pela nacionalidade dos pintores. Isso nos permite distinguir não somente as características fundamentais dos estilos artísticos a que pertencem, mas também mostrar certos traços individualizantes de objeto único que é a obra de arte. Em um primeiro grupo inscrevem-se poemas sobre telas de pintores franceses pertencentes ao Impressionismo. São eles: "Dois Pintores" / "Braque" e "Bonnard". No segundo grupo entram, também sobre pintores estrangeiros, as composições: "O quarto de Van Gogh", sobre tela de Vincent Van Gogh, o extraordinário pintor holandês radicado no sul da França, célebre pela alta qualidade da série de pinturas sobre o tema de singelos quartos de dormir; "Sol num quarto vazio", que tematiza pintura e vida do artista plástico norte-americano Edward Hopper; dois outros poemas participam dessa lista sobre quadros de artistas estrangeiros: "Ante um quadro de Maria Helena Vieira da Silva", sobre a obra de Maria Helena artista francesa nascida em Portugal. A poesia "Brancusi", que tem como inspiração temática uma escultura do artista plástico romeno Constantin Brancusi, completa essa seleção.

Seis outras poesias têm como tema telas de pintores brasileiros e permitem nova divisão. Primeiramente, temos "Um quadro", sobre Athos Bulcão, e "Ode a Oscar Niemeyer". Ambos exaltam a arte em Brasília em uma dupla homenagem a Athos Bulcão e a Niemeyer, o extraordinário arquiteto brasileiro. Ressalte-se nesses dois poemas a amizade entre os artistas, professores com quem Cassiano Nunes conviveu na Universidade de Brasília. Por sua temática de amizade e vivência no mesmo espaço acadêmico e cultural de Brasília, insere-se também nesse grupo o poema "Saudades de Vicente do Rego Monteiro", sobre o artista plástico pernambucano, falecido em Paris. Finalizo essa ordenação didática com a subdivisão de poesias sobre os artistas brasileiros: "This is", sobre quadro de Paulo Chaves; "Em busca do Brasil perdido", sobre as telas de Volpi, e o poema com o título "Sobre quadro de Marcos dos Santos". Com essa "antologia", fazemos os comentários e as análises a seguir.

Dois pintores

Em uma construção poética irmanada e antecipada pela expressão “Dois pintores”, os poemas sobre os artistas franceses Georges Braque e Pierre Bonnard remetem o leitor a variantes do Impressionismo, distinguindo-se, no entanto, pelo tema e pela estruturação. Ambos têm caracterização própria. Cada um apresenta tema específico. “Braque” expressa o mestre de natureza morta, enquanto “Bonnard” revela o amante das vivas cores de paisagens e figuras.

Braque

*A natureza não está morta.
A mesa, a pêra,
o copo e a faca,
de inesperados ângulos,
avançam.*

*Vibram imperceptivelmente
na atmosfera rarefeita.
Em suave narcisismo
nos murmuram: "Ama-nos!"*

*Respira-se repouso.
E o olhar
mergulha
no mel, como a mosca,
que, quando pára,
frui.*

*Sorver da pêral
O verde, o mate, o bege,
o marrom e o negro
(desta vez sem ameaça),
se oferecem na plácida superfície:
eucaristia!*

*As formas - extáticas.
Em nós - espectadores -
a hipnose.*

Não queremos partir.

*Mas, do vestibulo,
a vida nos convoca:
para a rua,
a colisão dos homens,
a intempérie.⁴*

⁴ *Poesia I*, p. 34-35. Originalmente publicado por Vicente do Rego Monteiro, em 1966, foi dado a lume em livro em *formada*, Brasília, Clube de Poesia, 1972, p. 24-25.

"A natureza não está morta". A frase com ponto no primeiro verso enfatiza a forte expressão com que a tela vai sendo decodificada nos seus elementos de artefato pictórico a transmigrar para o verso. Notar como Cassiano põe logo de início uma das principais características da pintura de Georges Braque, célebre por suas "naturezas mortas". O poeta em ritmo quase da prosa, mas absolutamente poético, lista os objetos que compõem a tela do artista francês, nascido em Argenteuil, em 1882, e falecido em Paris, em 1963. Ele seria o único pintor a participar do fovismo (1905) e do cubismo (1908), importantes estilos artísticos do impressionismo do século XX. Braque frequentou a École Nationale des Beaux Arts e sofreu influência de Cézanne, Picasso e Van Gogh. Ele é mestre no emprego das "cores pobres" (*les couleurs le plus pauvres: noirs, gris, verts éteins, roses fanés*), bem expressas na 3ª estrofe:

*Sorver da pêra!
O verde, o mate, o bege,
o marrom e o negro
(desta vez sem ameaça),
se oferecem na plácida superfície:
eucaristia!*

Quanto a sua estrutura formal, "Braque" é um poema relativamente longo, com trinta versos irregulares, distribuídos em cinco estrofes também irregulares, em um agenciamento rímico de versos soltos, de um só vocábulo às vezes, com original ritmo bem característico da poesia de Cassiano Nunes, com variações métricas de versos longos em harmoniosos bailados com os versos curtos. Isso lembra as muitas relações da poesia com a dança, presentes na poesia de João Cabral de Melo Neto.

A primeira estrofe permite observar, verso a verso, como o olhar do sujeito lírico percorre a tela apreendendo-lhe toda sua beleza de arte impressionista, o qual, no espanto de forte emoção declara: "A natureza não está morta". Isso implica a monologia do sujeito que,

percebendo as vibrações dos objetos que compõem o quadro, estabelece com eles um "diálogo" de amorosa solicitação: "Ama-nos!". É importante observar a atmosfera de sonho que envolve o eu lírico, oferta de bem-estar e paz ("se oferecem na plácida superfície: / eucaristia!"), do qual é despertado pela intempérie da realidade urbana: "Não queremos partir". Isso é como se estivéssemos ouvindo suave música.

É importante observar também, do ponto de vista fonostilístico, sinestésias de versos em que se destaca a fruta pêra ("Sorver da pêra!"). Magia da obra pictórica! Os objetos postos na superfície da mesa aguçam os sentidos. Despertam sensações. Em um esquema extraordinário de relações possibilitadas pelas artes. O verso personaliza cada objeto que compõe a obra pictórica, a qual vai sendo recuperada na poesia com a mesa, a pêra, copo e faca em movimento,

*"de inesperados ângulos,
avançam."
Vibram imperceptivelmente
Na atmosfera rarefeita.*

O poema "Braque", como também "Bonnard", revela incontestavelmente a paixão de Cassiano Nunes pelos pintores modernos. Tomando como tema os dois artistas franceses, ele presta uma homenagem a todos os artistas desse período artístico que, nos seus inícios, tanta polêmica causaram. Muito combatidos, esses pintores, graças à extraordinária importância na evolução das artes modernas, hoje ocupam espaços privilegiados de exposição na Europa, como é o Museu d'Orsay, em Paris, e também em museus dos Estados Unidos e do Brasil.

O processo de tematização do poema "Braque" é quase o mesmo empregado em todos os demais dessa seleção. A tela inspira o poema, que apreende e revela os elementos constitutivos do quadro, caracterizando a arte de Georges Braque. Se bem interpreto, até as várias experiências por que passou o artista francês aí estão presentes, mostrando a evolução de sua pintura.

"Braque" não é, na poesia de Cassiano Nunes, tão frequentemente formada de pequenas composições, um poema curto, ao contrário. É um poema relativamente longo em que se estabelece a comunicação entre o poeta que contempla e o quadro que, contemplado, se oferece ao sujeito contemplante, o eu lírico da poesia cassianiana:

*A natureza não está morta.
A mesa, a pêra,
o copo e a faca
de inesperados ângulos,
avançam.
Vibram imperceptivelmente
na atmosfera rarefeita.
Em suave narcisismo
nos murmuram: "Ama-nos!"*

Tem-se assim uma pintura física de coisas postas em movimento, e não exatamente uma "natureza morta", graças ao poder do verbo, formas e cores que se fazem vida e convidam o sujeito a refletir: "As formas extáticas" despertam "em nós" enlevados leitores igual emoção, sob o efeito quase hipnótico de extasiados espectadores da tela no poema. Os versos agem com o leitor como a pintura o faz com o poeta: seduzem-nos, prendem-nos, "Se oferecem na plácida superfície: / eucaristia! [...] Não queremos partir".

Bonnard

*De repente,
do retângulo,
as cores jorram
com exuberância,
fundem-se
numa alegria erótica.*

*Só o vermelho
se oferece
em mil disfarces.*

O milagre é prazer.

Deus aprende.⁵

Jamais se pode afirmar quais as intenções do poeta com sua criação. O máximo que se permite é interpretar, ainda que de modo subjetivo, o que a poesia, com seu poder de criar imagens, oferece aos seus leitores. Portanto, mesmo que participando de uma composição em dupla, a significação mais profunda de "Braque" e "Bonnard" deve ser buscada em cada poema individualizadamente. Se "Braque" é um poema de acentuado realismo descritivo narrativo, "Bonnard" comunga de claro simbolismo. O carnal e o espiritual substanciam o poema na plurissignificação das cores recuperadas

⁵ *Poesia I*, p. 35. Publicado originalmente em *fornada*, 1972, p. 26.

pelos densos versos curtos em que o erótico, humano prazer de viver, é expresso pelo vermelho, cor símbolo do amor-paixão e também da vida, sangue a correr nas veias, enquanto, nos versos soltos do final da composição, se refaz a complementariedade do ser na sua identidade e semelhança com o divino: "O milagre do prazer. // Deus aprende" (1997, p. 35).

Pierre Bonnard nasceu em Fontenay-aux-Roses, em 1867, e faleceu em Le Cannet, em 1947. É um dos mais importantes impressionistas franceses. Como pintor ele participa da estética dos *nabis* (profetas) e da pintura dos *fauves* (fouvismo de 1905). Graças a sua inquietante versatilidade, Bonnard notabilizou-se como pintor de paisagens, natureza morta e retratista, e ainda como decorador. Ficou também conhecido como ilustrador de famosos escritores, como Verlaine. Suas telas de harmonioso colorido e de luminosas cenas intimistas certamente impressionaram os versos de Cassiano:

*De repente,
do retângulo,
as cores jorram
com exuberância,
fundem-se
numa alegria erótica.*

É inegável a influência de Paul Gauguin (1848-1903) sobre a pintura de Bonnard, não só no uso das cores mas também nas figuras apensas, nos planos superpostos no espaço em função da luz. Obcecado pelas cores, ele consegue incrível intensidade no seu emprego, sobretudo com o vermelho, bem expresso no poema de Cassiano.

Esse segundo poema da dupla de pintores impressionistas privilegia o vermelho característico de Bonnard, diferente do liberado vermelho do cachorro de Paul Gauguin. Nesse detalhe, descobre-se a inusitada beleza do quadro, marcando-o como único: "Só o vermelho / se oferece / em mil disfarces".

É um poema que se sobressai por acentuada síntese e simplicidade, cada vez mais frequente na poética de Cassiano Nunes, na qual essa composição impressiona pela adequação à linguagem crítica da pintura, sem perda de sua especificidade de linguagem lírico-poética, que se caracteriza por uma expressão espontânea, muito significativa na recriação do quadro de Pierre Bonnard, com extraordinária fidelidade de interpretação e análise da obra plástica:

*De repente,
do retângulo,
as cores jorram com exuberância,
fundem-se
numa alegria erótica.
Só o vermelho
se oferece
em mil disfarces.*

Os onze versos irregulares, distribuídos em quatro segmentos, são significativos na captação dos conteúdos temáticos e formais da obra do pintor francês. Percebe-se o envolver do eu lírico com a sensualidade de "alegria erótica", na exuberância de cores e movimento. Com linguagem e vocabulário simples do cotidiano, o quadro adquire a dimensão perfeita do estilo bem cuidado com os versos livres em um expressivo sistema estrófico. Atente-se para os versos finais, com ponto, de sugestiva reflexão. "O milagre é prazer. // Deus aprende". Iniciando com uma estrofe de seis versos, seguido de outra de três versos, o poema completa-se com dois versos finais, mas intervalares. Esses dois versos formalizam temas aparentemente opostos. O primeiro é o tema do erotismo, marcante presença na poesia de Cassiano Nunes e considerado pelo crítico Edson Nery da Fonseca como uma de suas principais características. Segundo esse crítico, Cassiano escreveu os mais belos poemas eróticos da lírica contemporânea brasileira. É quase sexual o erotismo dos versos "as cores jorram /com exuberância, / fundem-se / numa alegria erótica", como

se fossem corpos enlaçados em um grande ato de amor. O segundo tema é a redenção, presente no verso-frase: "Deus aprende". Com esse agenciamento de vocabulário e ritmo, o erotismo expresso no vermelho de "mil disfarces", símbolo de vida carnal de "alegria erótica" afirmada pelo poeta como "O milagre do prazer", anula uma possível ofensa ao divino, expressa no verso final do poema: "Deus aprende". Reitera a certeza cristã de que para o homem o essencial é a harmonia do corpo com o espírito: "Fazei de nós um só corpo e um só espírito". Coincidente com a "interpretação" e a análise que o poema de Cassiano Nunes realiza da tela de Pierre Bonnard é a citação sobre o pintor: "Jusqu a sa mort il a mantenu l'idée essentielle de la permanence des valeurs picturales" ("até a sua morte ele manteve a idéia essencial da permanência dos valores da pintura").*

Quanto à estrutura do poema "Bonnard", pouco mais pode ser acrescentado. É um processo de formalização poética que vem se revelando uma característica da poesia de Cassiano, principalmente nos poemas dessa série. Dois aspectos porém devem ser observados. Primeiro é que assim em dupla "Braque" e "Bonnard" representam o impressionismo como um todo, enquanto individualmente cada poema particulariza variantes estilísticas do cubismo e do fovismo. Segundo, é quanto à conceituação de arte. Cada obra artística é única. A tela recuperada pelo poema reitera esse pressuposto. Nesse sentido, parece que algo, um detalhe específico, sutilmente particulariza e distingue o estilo de cada um desses pintores, detalhe, alias, enfatizado em dois outros poemas-quadros sobre pintores estrangeiros, "O quarto de Van Gogh", do artista holandês, e "Sol num quarto vazio", do norte-americano Edward Hopper, que motivam, ainda que sucintamente, comentários e análises. É importante observar como o poeta se relaciona com as obras desses pintores. Em ambos o tema é o quarto, espaço fechado, propício à intimidade, e se faz objeto provocador de sua emoção.

* Tradução livre da autora.

Pintores

Em uma construção de ambivalência e organicidade, marca indelével nessa série de recriação pictorial, expressa-se a arte moderna de tantos outros artistas estrangeiros e brasileiros impressionistas, cubistas e expressionistas. O poeta se compraz, não somente com traços realistas e com técnicas pictóricas da arte que lhe serve de inspiração, mas também com as sugestões temáticas das ricas telas iluminadas pelos seus versos.

O quarto de Van Gogh

(Contemplando um quadro em museu de Amsterdã)

*Recuso
os apartamentos presidenciais
com seus tapetes
lustres
vinagre.*

*Escolho este quarto pobre
a frágil cama de solteiro
duas cadeiras rústicas
a mesinha de cabeceira
com seu jarro de vidro
e a fórmula poderosa
da explosão dos meteoros.⁶*

Este poema tem como tema quadro de Vincent Van Gogh, pintor, nascido em Groot-Zundert, Holanda, em 1853 e falecido em 27 de julho de 1890, em Auvers-sur-Oise, sul da França. Grande mestre da pintura moderna, Van Gogh produziu uma vasta obra, hoje valiosíssima, mas da qual vendeu em vida apenas a tela *Vinhas Vermelhas*.

Nesse poema Cassiano Nunes retoma um dos temas constantes de sua poética, os pobres quartos de hotel, com poucas ou nenhuma estrela, a exemplo do Hotel Mathías, de São Paulo, preferência do poeta e poetizado com acentuado lirismo nos "Versos para um certo hotel".

⁶ *Poesia I*, p. 68. Publicado originalmente em *Jornada lírica: antologia poética*, 1984, p. 102.

*como te negar
a minha ternura
se na intempérie
ofereceste abrigo
a mim e meu amor,
mudando-te então
em tépido aconchego?*

A tela deixa de ser arte a ser contemplada, admirada. Transmiga para o poema como "espelho" com forte carga semântica de solidão e ao mesmo tempo dolorida intimidade entre pobres seres em anseios e busca.

Além dessa preferência pelo "quarto pobre", famosa tela de Vincent Van Gogh, na qual o artista holandês personalizou seu humilde quarto, provoca reminiscências de espaços quase monásticos de hotel sem luxo e motiva reflexões em que o eu lírico se projeta:

*Recuso
os apartamentos presidenciais
com tapetes
lustres
vinagre.*

Atente-se para as conotações que tem aí o termo "vinagre", dessa primeira estrofe.

A segunda estrofe, formando o outro eixo da estrutura poemática, descreve a famosa tela de Van Gogh:

*Escolho este quarto pobre
a frágil cama de solteiro
duas cadeiras rústicas
a mesinha de cabeceira
com seu jarro de vidro
e a fórmula poderosa
da explosão dos meteoros.*

É importante observar como o olhar percorre a tela e apreende o espaço, demorando-se nos detalhes da pobreza e da singeleza dos seus objetos, cuja significação sensual da primeira estrofe, verso de um só vocábulo, "vinagre" se faz acentuadamente erótica na expressão de grande força estilística dos versos finais: "E a fórmula poderosa da explosão dos meteoros". A essa significação dimensiona a temática de solidão e de irrealização, a qual não se desfaz nem mesmo com a prelibação de sensual prazer.

Sol num quarto vazio (Quadro de Hopper)

A Asta-Rose Alcaide

*O sol penetra
num quarto vazio
pela vidraça.
Como o Espírito Santo
perpassa o hímen sagrado.*

*Na sua língua de luz
anuncia que lá fora
existem árvores,
vento,
céu.*

*Propõe a aliança
do exterior com o interior,
do mundo com o indivíduo,
da Natureza com a Alma.*

*Na tela,
quadriláteros claros e escuros
- jogo de luz e sombra.*

*No ambiente nu,
os retângulos puros
lembram a afirmação de Flaubert:
"Nada existe de mais belo
que um muro caiado ao sol".*

*Pintor realista ?
Metafísico?
Abstraio?
Como pôde um homem
no fim de sua vida,
no seu último quadro,
compor tão límpida elegia,
ou seja,
um hino à Vida,
tão cristal-ino?*

*Abstraio-me
das paredes e esquadrias,
do que é material e real
no quadro,
e saboreio,
em êxtase, a Beleza nítida e
misteriosa.*

*Deito-me no quadro
- e sonho.⁷*

⁷ *Poesia I*, p. 84. Publicado originalmente em *Jornada lírica: antologia poética*, 1984, p. 122-123.

Com este poema inspirado em uma tela de Hopper, faz-se a compreensão quase perfeita da pintura. Cassiano Nunes deve ter conhecido grande parte da obra desse pintor em Nova York, cidade onde nasceu Edward Hopper, em 1882.

Vivendo no meio universitário e cultural de Nova York, Cassiano poderia ter conhecido o consagrado pintor norte-americano, falecido em 1967, um ano após o poeta haver deixado os Estados Unidos e reiniciado sua vida acadêmica em Brasília como professor de Literaturas na Universidade de Brasília.

O poema não está datado, mas pode-se supor que a morte de Hopper tenha motivado sua criação. É uma poesia de extrema fidelidade à arte pictórica. O poeta como que revive a obra - "seu último quadro" - e o artista em um retorno a possível encontro que só a memória poderia trazê-lo ao presente de ausência e distanciamento em que se "analisa" o quadro com tão forte expressão e sensibilidade poética, em uma sentida homenagem ao grande pintor.

Na sua estrutura em quarenta versos livres - um longo poema entre os muitos de poucos e contidos versos da poesia cassianiana - sobressai o sistema de estrofes irregulares em que os temas apreendidos na tela são trazidos à verbalização poética. O olhar capta-a como um espaço iluminado descrito e narrado em uma frase, com ponto, pausada em três versos sem rima, mas com um ritmo de grave e aguda acentuação de quatro/cinco/quatro sílabas tônicas. A tela se recompõe no poema e neste o sujeito lírico decodifica os vários temas que lhe motivam fundas reflexões sobre o pintor e sua arte, bem como sobre sua condição de ser e estar no mundo. Ele paira entre a realidade proposta pelas duas artes e sua subjetividade. Esta o faz entregar-se sem resistência à atmosfera de bem-estar e acalanto: "Deito-me no quadro / - e sonho."

No que se refere a Hopper, devemos distinguir aspectos referentes ao espaço em que viveu, sua cultura, sem implicar interferência da preferência do poeta. Cassiano busca inspiração na pintura de Hopper, recria seus temas, que são também temas da poesia cassianiana, de maneira que o poema e a tela estabelecem uma relação de

afinidade independentemente da linguagem de cada arte, reiterando o fato de que a poesia e a pintura são artes-irmãs. E as naturais e possíveis divergências existirão entre as duas artes somente em nível de linguagem, ainda que sejam divergentes o espaço e a cultura do artista e do poeta considerado. Em ambas as artes existe a mesma intimidade com o objeto provocador e a mesma emoção, que, aliás, se expressa no poema com força estilística e fidelidade presentes na tela.

Importante estudo sobre o pintor é o excelente livro de Rolf Günter Renner: *Edward Hopper, (1882-1967) - Transformações do real*, da editora Benedikt Taschen, de 1992, com tradução da Casa das Línguas, Ltda. Colônia, Alemanha. É um livro exemplar para o conhecimento da vida e da obra do pintor amante da luz e das cores, dados de certa forma presentes no poema de Cassiano Nunes. Essa obra revela Hopper como um pintor amante da vida, e essa alegria irmana a poesia de Cassiano Nunes à sua pintura. Trata-se de uma publicação com a reprodução de muitas de suas telas, certamente importante para a compreensão não só do poema cassiano, mas de grande parte da vida e obra de Edward Hopper: "Em 1908, Hopper fixa-se definitivamente em Nova York. Apenas pinta ocasionalmente, e só no verão", o que, parece-me, explica a presença sistemática de luz nos seus quadros, com pessoas e objetos em um espaço de plácida tranquilidade, humanidade aliás que muito impressionou o poeta, que se interroga: Pintor realista? Metafísico? "Abstrato?" como uma reflexão sobre os estilos artísticos a que pertencem a arte de Hopper e os temas presentes no quadro e transmigrados para o poema:

*Como pôde um homem
no fim de sua vida,
no seu último quadro,
compor tão límpida elegia,
ou seja,
um hino à Vida,
tão cristal-ino?*

Atente-se para a sugestão de centelha com a formalização vocabular do verso final: "tão cristal - ino?".

Uma vida iluminada como se pode perceber nos inúmeros versos citados a seguir: "O sol penetra / no quarto vazio" // "Na sua língua de luz / anuncia que lá fora / existem arvores," [...] "Na tela, / quadriláteros claros e escuros / - jogo de luz e sombra."

Cassiano, com a mesma proposta de apresentar a luz que existe na pintura de Hopper, insere no poema a frase não menos poética do prosador Flaubert, importante romancista realista francês do século XIX, e não alheio à força poética da luz sobre a natureza, característica fundamental da pintura no Impressionismo: "Nada existe mais belo / que um muro caiado ao sol." Essa "língua de luz" anuncia a harmonia entre contrastes como os fenômenos vento, céu, árvores, atraindo o olhar do sujeito lírico que, envolvido pela realidade transfigurada, se reconhece parte da Natureza que o cerca com uma inusitada proposta de paz: "Propõe a aliança / do exterior com o interior / do mundo com o indivíduo / da Natureza com a Alma."

Ante um quadro de Maria Helena Vieira da Silva (no Museu de Arte Moderna de Paris)

*Na trama treliça
estruturas múltiplas
embricando-se
cantam no ar matinal.
O orvalho roreja
no cimento armado.
Emaranhada geometria
Labirintos
retilíneos casbahs
em que buscamos
o ariadnesco arielesco fio.
Trilhos vigas
andaimes no éter.
Armações negras
(levitam?)
na areia prateada.*

*E a Alma
na gradeada pirâmide
frui na pele
o borriço diamantino}*

Uma escrita cubista em poesia não é fácil de ser descrita, conceituada ou mesmo exemplificada. Nessa série de composições de

⁸ Publicado originalmente em *jornada lírica: antologia poética*, 2. ed., 1992, p. 91.

Cassiano Nunes sobre artes plásticas, no entanto, pode-se descobrir sugestões muito pertinentes. Escrevendo em uma época na qual a nossa literatura experimentava numerosas liberdades poéticas, parece-me lógico que o poeta não ficaria alheio a toda essa riqueza artística.

A primeira impressão que se tem do poema sobre a tela de Maria Helena, artista francesa nascida em Lisboa em 1908, é que se trata de uma estrutura geométrica, tanto pela distribuição de seus vinte versos livres em dois eixos separando as duas realidades do poema, o material e a espiritualidade, quanto pelo aspecto visual de uma construção retilínea que vai sendo cimentada nas "estruturas múltiplas" do "cimento armado", portanto com vocabulário pertinente do "retilíneo", de "andaimes no éter", sugestivo das "villes tentaculaires", do poeta modernista belga Verhaeren.

A tela de Maria Helena muito impressionou nosso poeta. Ele certamente conheceu mais e melhor a vida e a obra da artista, a qual viveu em Paris desde 1928, onde teve vários mestres em escultura, pintura e gravura, convivendo no ambiente cultural privilegiado e efervescente das artes modernas. Essas variações das artes plásticas na formação da artista, certamente, motivam os versos de Cassiano Nunes.

A artista luso-francesa Maria Helena casou-se em Paris em 1930 com o pintor húngaro Arpad Szenes e viveu no Brasil de 1940 a 1947, período em que fez os murais para a Universidade Rural do Rio de Janeiro, em 1944. Ela participou da Bienal de São Paulo, recebendo o prêmio de 1961. Em 1966, ganhou o Grande Prêmio Nacional das Artes, na França. Trata-se, portanto, de uma artista famosa e conhecida no meio artístico europeu e também de intelectuais brasileiros, entre os quais Cassiano Nunes, que se destaca com importantes prêmios literários.

Portanto, não é por acaso que seu poema "Ante um quadro de Maria Helena" se revela como uma poesia de forte sugestão cubista. É marcante a importância dada ao visual. O olhar desvenda as formas e as cores de emaranhada geometria. Percorre a tela que se expressa

nos versos de adequação à arquitetura moderna de estruturas múltiplas de cimento armado, por vezes chapada de luz quase imperceptível de "areia prateada" ou das verberações "do borrifo diamantino". Reconstrói no instante da contemplação um espaço urbano moderno. Expressionismo? Cubismo? Tudo isso se reflete na linguagem e no vocabulário em versos contidos a recriar o novo artefato poético. Atente-se para as sinestésias na fruição da alma que se eleva à grande pirâmide. O poema termina com a síntese do "caminhar" do sujeito na busca de si mesmo, muito significativo nos versos:

*Labirintos
retilíneos casbahs
em que buscamos
o ariadnesco arielesco fio.*

Busca, considere-se, sem angústia religiosa uma das características do Expressionismo na literatura, graças à positiva visão de mundo de Cassiano Nunes, de crença e redenção.

Brancusi

*Captaste nas formas
os traços elementares
e resplandece neles
a Beleza imanente.*

*O tronco levemente inclinado,
a delicada curva das nádegas ...
Os ovos adâmicos.*

*Mergulhando, revelaste
o segredo abissal da Terra
- húmus, umidade, fermentação
na epiderme lisa da pedra
de que, naturais, emergem
o prototípico, a síntese, a elipse.*

*Ah! o disparado vôo
nas amplidões!
O coquetel cósmico,
a bebedeira no éter.*

*Greda, sangue, esperma,
agora tudo é apenas
um frêmito de asas.⁹*

⁹ *Poesia I*, p. 78. Publicado originalmente em *Jornada lírica: antologia poética*, 1984, p. 113.

A citação de Heidegger "não demorar na interpretação e representação do que se vê" aplica-se na interpretação desse poema. O que se vê no poema desafia o intérprete, que jamais esgotará suas significações. O importante como análise é verificar que, apesar de existentes, jamais serão claras as relações da poesia com a escultura por exemplo. Precisamos compreender a criação artística como mistério e desafio, ou como diz Heidegger: "A arte é um enigma. A obra de arte é". Enigma é exercício e desafio. Desafia-se. Sua condição de desafio no entanto permanece, que seja no poema ou noutra obra de arte como a pintura ou a escultura, como a que inspira o poema de Cassiano Nunes sobre a obra do artista plástico Constantin Brancusi, *Le baiser (O beijo)*, de 1908, a qual se encontra no cemitério de Montparnasse, em Paris, e foi erigida "*à la mémoire d'une jeune femme morte par amour, et se traduit par deux blocs à peine ébauchés*" ("em memória de uma jovem que morreu por amor, esculpida em dois blocos apenas esboçados").

É uma composição em vinte versos irregulares, com o sistema de cinco estrofes também irregulares. Esse ritmo empresta ao poema acentuada vivacidade. Cria o tom para o sugerido diálogo - "captaste", "revelaste" - do poeta com o escultor, sugerindo também um espaço em que se posicionam na contemplação da escultura. E o vocabulário, de forte significação metafórica, revela a arte como enigma e desafio do conceito de Heidegger. Enseja original transposição dos temas da "pedra" para a poesia, numa participação dos artistas na criação divina do "coquetel cósmico", em que Cassiano transforma a pedra bruta da escultura de Brancusi em leve "Beleza imanente", como um delicado vôo nas amplidões.

Nas cinco primeiras estrofes, Cassiano Nunes realiza as duas dimensões nas quais se tematizam obra de arte e artista no texto poético. Homenageia Brancusi ao tomar sua escultura como tema, ao mesmo tempo que faz a análise crítica e interpretativa de sua obra:

*Captaste nas formas
os traços elementares
e resplandece neles
a Beleza imanente.*

Ele desce às minúcias da criação e do estilo de Brancusi com o qual sua poética, seu sentido de arte parece identificar-se. Descubre-se no poema seu conhecimento da obra de Constantin:

*Mergulhando, revelaste
o segredo abissal da Terra
- húmus, umidade, fermentação -,
na epiderme lisa da pedra
de que naturais, emergem
o prototípico, a síntese, a elipse.*

Não somente nesses versos, mas também nas pesquisas sobre o escultor romeno, naturalizado francês, e sua obra descobre-se bastante afinidade entre a poesia de Cassiano e seu sentido de estar e ver o mundo com o de Constantin Brancusi. É como se o nosso poeta estivesse afinado não só com a obra, mas também com a psicologia, as vivências do escultor. Segundo sua biografia, Brancusi "*cherche à l'intérieuriser, à atteindre cette simplicité qui prend valeur d'événement*" ("procura interiorizá-la, a alcançar essa simplicidade a qual adquire valor de acontecimento"). O próprio Brancusi, escrevendo sobre arte, diz: "*Quelle n'est pas un but dans l'art, mais qu'on y arrive malgré soi en s'approchant du sens réel des choses*" ("que ela não é uma finalidade da arte, malgrado aí se chega, aproximando-se da realidade das coisas"). E acrescenta ainda como conceito sobre a arte: "*Ne chercher pas de formules obscures ou de mystère. C'est de la joie pure que je vous donne. Regardez les sculptures jusqu'à ce que vous les voyez. Les plus près de Dieu les ont vues*" (*Les muses*, 1970) ("Não procurar fórmulas obscuras, ou mistério. É pura alegria o que vos ofereço. Olhai as esculturas até percebê-las. Os mais próximos a Deus viram-nas" (*As musas*, 1970)).

Quanto aos poemas sobre os pintores brasileiros Paulo Chaves, Alfredo Volpi, Marcos dos Santos, Athos Bulcão, Oscar Niemeyer e Vicente do Rego Monteiro, não existem grandes diferenças no que concerne ao processo de recriação do tema pictural já observado nos

demais poemas analisados. A linguagem poética é a mesma. O poema faz a análise da obra pictórica e homenageia o pintor. Seu traço diferenciador é tão-somente a sentida compreensão da subjacente brasilidade. Cassiano Nunes identifica-se com seu país natal e sente o Brasil de muitos brasis que seus artistas plásticos expõem em suas telas.

This is (Quadro de Paulo Chaves)

*A essência inebriante da noite
perturbando as mariposas.*

*O sorriso miniatural
dos miosótis.*

*O canto estrelado dos bêbados
que afundam na cerração.*

*A epifania dos clowns
no remate do horizonte.
A encardida madrugada dos alcouces
que jamais ouvirá
o clarim genesíaco
dos galos.*

*O silêncio rochoso de Deus
- mais seus relâmpagos de revelação.*

*A lágrima do humilhado
transformando-se em pérola.¹⁰*

De Paulo Chaves, Cassiano Nunes revela (e esconde) em "This is" a noite tropical de perturbadora realidade, epifania de bêbedos, clowns e humilhados, entes a vagar na "encardida madrugada dos

¹⁰ *Poesia I*, p. 36. Publicado originalmente em *Jornada*, 1972, p. 27-28.

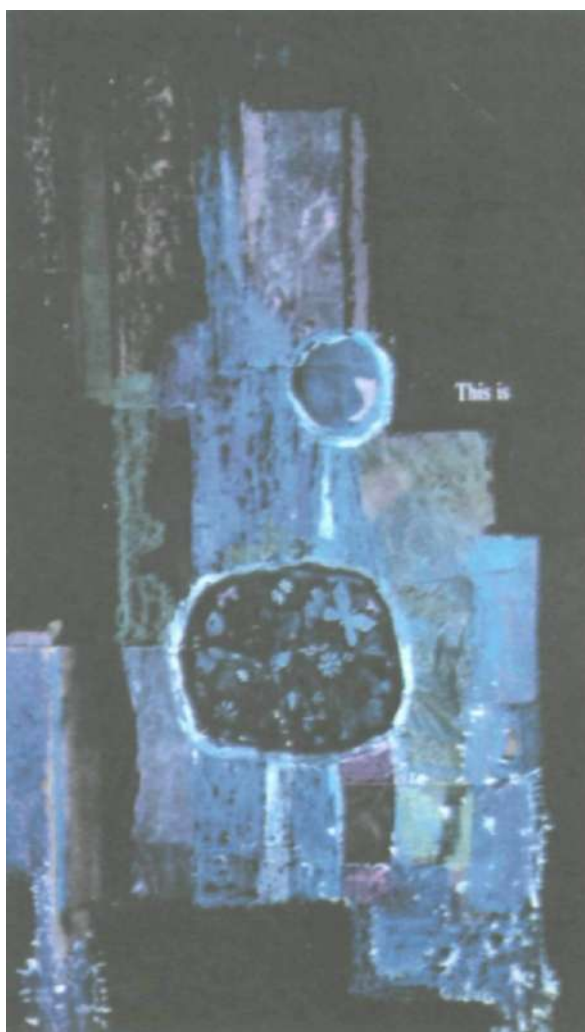
alcouces / que jamais ouvirá / o clarim genesíaco / dos galos". Comunhão do poeta com a humanidade em uma doída nota da sensibilidade, característica da sua poesia.

O poema "This is", sobre tela de mesmo título, do acervo particular de Cassiano Nunes, permite questionar-se sobre até que ponto a linguagem metafórica e simbólica do poema se afina com as tintas e a forma da pintura e como a poesia expressaria os temas do quadro. Seria possível determinar na tela o tempo expresso no poema, de atmosfera noturna e sombria dos versos: "A essência inebriante da noite" / ... / "A encardida madrugada dos alcouces"? Ou ainda quanto ao espaço, onde nascem os "miosótis" da segunda estrofe ou mesmo nas miríades de insetos irmanados aos bêbados e *clowns*, seres excluídos do canto redentor dos galos. Deus está em silêncio. Faz-me lembrar Machado de Assis no final do romance *Quincas Borba* ("O Cruzeiro que a linda Sofia não quis fitar, como lhe pedira Rubião, está assaz alto para não discernir os risos e as lágrimas dos homens", Aguilar, 1962, p. 804). Permanece a interrogação: e a luz? Em que cores e formas abstratas ela migra da tela para o poema no vô das mariposas, nos sorrisos dos miosótis e na "lágrima do humilhado", jóia do perdão.

A estrutura de dois em dois versos que inicia e fecha a composição poética tem duas importantes significações. Por um lado, seria uma voz em duo associada à música, em uma espécie de canto gregoriano. Doutra parte, que concerne aos conteúdos temáticos, estaria expressa na estrofe de seis versos a "epifania" de símbolos de personificação, de um Deus do Antigo Testamento: "O silêncio rochoso de Deus" extremamente significativo como um Deus de castigo. No entanto os duos finais estabelecem o contraste com o perdão da escória da humanidade, sintetizado nos versos: "A lágrima do humilhado / transformando-se em pérola".

O vocabulário cuidadosamente escolhido dos estilos moderno e contemporâneo decorre das conquistas e das liberdades preconizadas pelo Modernismo dos anos 20 do século passado.

Paulo Chaves é paulista. Teve um certo prestígio nos anos 60 do século passado. Foi assassinado na Praia de Maresias, local de veraneio da elite paulista. O poema guarda acentuadas afinidades com a pintura. É mais do que sugestões para quadros. É análise interpretativa da tela desse pintor brasileiro. Inicia-se com o mergulho na noite e fecha-se com a ascensão ao clarão das estrelas.



Em busca do Brasil perdido

*Se eu fosse Volpi pintaria
essas portas e essas janelas,
tão rústicas quanto formosas,
verdes, azuis, amarelas!*

*Elas são o que sobrou
de um país vasto e primitivo,
em cujo corpo vigoroso
morava um espírito bem vivo!*

*Tudo acaba ... Resta pensar
quão belo podia ter sido!
Vou-me embora para Nova Iorque
em busca do Brasil perdido!¹¹*

O poema "Em busca do Brasil perdido", sobre a pintura de Alfredo Volpi, de prosaico e antitético título, não teria grande pertinência nas relações da poesia com a pintura se não fossem os versos fortemente expressivos em que se põem as principais características temáticas e formais da obra de um dos mais importantes pintores modernistas brasileiros:

¹¹ *Poesia I*, p. 67. Publicado originalmente em *Jornada lírica: antologia poética*, Brasília, The-saurus, 1984, p. 101.

*Se eu fosse Volpi pintaria
essas portas e essas janelas,
tão rústicas quanto formosas,
verdes, azuis, amarelas!*

Na impossibilidade de ser o próprio pintor, o poeta "pinta" com palavras em redondilhas e com ritmo as bandeirinhas de papel ao vento com os vocábulos "verdes", "azuis" e "amarelas" dos versos da primeira estrofe. O poema recria o mundo de poesia pura das nacionais cores de um Brasil recuperado pelos dois artistas: Volpi, pela brasilidade de suas telas, e Cassiano Nunes, na identidade com os temas do pintor, com a mesma simplicidade e pureza. O artificioso distanciamento em que se posiciona o poeta oferece maior visibilidade ao quadro de Volpi. E na fusão das duas artes, constrói-se um Brasil amado até as dores do nosso desejo de melhor destino para um país tão grande: "Vou-me embora para Nova York / em busca do Brasil perdido!" Versos que remetem ao poema de Manuel Bandeira. Também à maneira de Bandeira é o tema da esperança nesse poema que concorre para a beleza e singeleza da composição e se revela como uma das características sempre presentes na poesia de Cassiano. Desse modo, o poema se apresenta em uníssono com a beleza singela, às vezes ingênua, das telas de Alfredo Volpi, pintor brasileiro de origem italiana.

Sobre quadro de Marcos dos Santos

*Do sereno, excluído,
contemplo a festa que pintaste,
mágica,
infantil
(isto é, com os sentimentos profundos,
doridos, incompreensíveis,
das infâncias marcadas).*

*Os grandes halões coloridos
(ou corolas?),
imensos como o desejo das crianças,
oscilam no lusco-fusco misterioso.
Hastes, para que flori
Grotões, para que súcubos,
orgasmos?
Floresta trigueira,
sim, mas fantasmagórica,
espaço fosco de irrealidade.
Penumbra aliciante
para o amor impossível,
que não se realizará.
Nunca!*

*Fascinado,
partilho do teu sonho
que delicia e dói.*

*A moldura mura
esse bosque noturno e fádico
fechado a chave.¹²*

Talvez no poema "Sobre quadro de Marcos dos Santos" mais que em qualquer outro, estejam presentes as relações da poesia com a pintura no que concerne ao voyeurismo. Essa é uma tela que, na recriação poética de Cassiano, expõe acentuado erotismo. O poema é descritivo e se estrutura em uma linguagem metafórica do jogo erótico no qual se compraz o sujeito lírico, paradoxalmente com forte censura, originando inevitável interdição de seres marcados desde a infância. A função do olhar é sobremaneira importante quanto aos elementos de condenação do *voyeur*, o qual se entrega a reflexões subjetivas e projetivas em relação a esse "amor impossível, / que não se realizará. / Nunca!".

Um dado fundamental para a percepção dessas afinidades é a identidade entre a poesia e o quadro como uma identificação do poeta com o pintor no que diz respeito ao erotismo presente em ambas as artes; poesia e pintura, que reitera nas características de poesia descritiva do quadro que lhe serve de tema: "Contemplo a festa que pintaste". Este verso e a estrofe final: "A moldura mura / esse bosque noturno e fádico / fechado a chave" (1997, p. 83), constituem-se em referentes diretos da linguagem pictórica, sobretudo como estão postos na estrutura poemática, emoldurando todo o poema, como um quadro com seu tema, o qual se faz também tema do poema, com sujeito "excluído" do festim que a razoável distância o contempla "fascinado" e partilha de um sonho propício à apreensão da realidade "fantasmagórica / que delícia e dói".

¹² *Poesia I*, p. 83. Publicado originalmente em *Jornada lírica: antologia poética*, 1984, p. 121.

Cassiano Nunes, ao tomar essa tela para tema de sua poesia, apresenta o pintor com sua própria linguagem pictural por meio da plurissignificativa linguagem da poesia. Isso transforma o pintor em um poeta, e este em um pintor de muitas telas. Os elementos de composição do poema estão, de certa forma, subvertidos, e toda a sua movimentação de quadro "pintado" a partir da tela de Marcos dos Santos se faz no sentido da arte da palavra, que é a poesia, e não na linguagem das cores, própria da pintura. Não há, como em outros poemas, os termos "cores" e "formas".

A condição de poesia sobre artes plásticas do poema "Sobre quadro de Marcos dos Santos" apresenta-se menos quanto à forma que nas suas sugestões próprias da linguagem de influência do simbolismo. Nesse sentido, suas relações com a pintura são mais um *modus fasciendi* do que a descrição de uma tela propriamente. Esse poema estaria, de certa forma, nas mesmas condições quanto à linguagem das poesias "Lutadores" e "Individual". Como se vê, todo o referente pictural do poema "Sobre quadro de Marcos dos Santos" se encontra no título, no segundo verso da primeira estrofe e na estrofe final, que, fechando a forma poemática, acrescenta-lhe, como quadro no qual se transformou, sua moldura. Tudo mais é próprio da poesia cassianiana, não somente a indefectível simplicidade - já aceita como categoria estética de sua poética -, como também o ingênuo, a singeleza e o erótico, estruturando sua arte no sentido maior de criação literária.



Um quadro

*Essa selva de moléculas,
essa proliferação de genes,
essa mata de bactérias,
essa treliça de febras e estames,
essa trama de guitas e corpúsculos,
essa maranha de bagas,
essa teia de glóbulos,
constituem genomas
que geram
faces - mascar as? -,
todas diferentes
umas das outras,
exclusivamente pessoais
como a caligrafia.*

*Normais (heterossexuais),
homossexuais (destinados ao sofrimento)
canhotos
(para marcar a fatalidade da diferença),
débeis mentais
(para crucificação dos que quiseram ser pais.)*

*Saltando sobre a moldura,
entrando no quadro,
penetro na rede multifária,
apoteose da Beleza e da Alegria,
que é a Eterna Infância.*

*Embevecido, contemplo
os meandros, as máscaras desta Humanidade...
Comovido, rezo apenas um nome:
ATHOS BULCÃO.¹³*

Este é um poema inédito de Cassiano Nunes sobre a tela de Athos Bulcão pintada no ano de 2001. Athos Bulcão é o maior artista plástico que Brasília abriga desde 1957, quando vem, a convite do arquiteto Oscar Niemeyer, para a construção do que seria seu museu a céu aberto. Nascido no Rio de Janeiro em 2 de julho de 1918, o mestre do azulejo participou de quase todos os projetos de construção da capital de sua afeição e onde reside até hoje, sempre produzindo, apesar do mal de Parkinson, que muitas vezes imobiliza sua genial mão. O artista carioca, hoje cidadão brasileiro, viveu em Paris, onde estudou gravura e desenho, artes nas quais se consagrou com belíssimas obras. Foi discípulo, companheiro e amigo do grande pintor brasileiro Cândido Portinari.

Marcante é a importância do olhar na recriação poética desse quadro sobre o original artista. Isso determina toda a relação existente entre as duas artes, que, nesse sentido, se fazem ambas artes da imagem. A tela confunde o poeta, que visceralmente expressa essa confusão e se faz partícipe da vida desses seres que se debatem em angustiantes interdições presentes no poema e na tela.

O poema verbaliza o quadro como um ímã de sustentação daquele que o contempla. A estrutura paralelística dos sete primeiros versos anafóricos conduz à seleção dos elementos temáticos: d' "Essa selva de moléculas" pintada no quadro.

Outro dado importante é o vocabulário de acentuado cientificismo, próprio da poesia realista do século XIX, ao qual se acrescenta o geometrismo, presente em dois outros poemas dessa série: "selva de moléculas"; "proliferação de genes"; "mata de bactérias"; "treliça";

¹³ Poema de 2001, aqui publicado pela primeira vez.



"trama"; "maranha". A linguagem particularizada em cores, formas, estas de feição à pintura primitiva e *naïf*, e os movimentos, da concepção biológica, da pintura, está considerada em segundo plano no poema. Este se revela antes de mais nada, intérprete psicanalítico das máscaras determinadas pelos "genes". Verbaliza o anátema contra o *gaúche*, infeliz geração de imperfeito genoma. Os versos distinguem normais, ganhosos e seres outros "destinados ao sofrimento". E o poema faz-se fortemente significativo da projeção do sujeito poético, que com esses seres crucificados se identifica e se irmana:

*Saltando sobre a moldura,
entrando no quadro,
penetro na rede multifária,
apoteose da beleza e da Alegria,
que é a Eterna Infância.*

Daí a harmonia da criação em suas inter-relações.

O antitético descritivo do poema nas duas primeiras estrofes, de acentuado realismo científico já referido, quebra-se no despertar do sujeito para a beleza infante da tela: figuras distorcidas, como fazem as crianças, sobre uma "rede multifária" de meandros, em "as máscaras desta Humanidade..." condenatória extremamente marcante na segunda estrofe.

Resta ao sujeito, em uma elevação espiritual, a oração ao demiurgo Athos Bulcão.

Ode a Oscar Niemeyer

A Athos Bulcão

*A arquitetura extraordinária
de Oscar Niemeyer
(e admito as críticas
que se lhe fizeram
ou venham a fazer)
é apenas um minúsculo visor,
olho mágico de apartamento,
que nos permite
- a nós, leigos -
contemplar
numa perspectiva reduzida
mas global,
o espírito verídico,
o caráter inteiriço,
desse homem de ferro e cimento armado,
mas que não repele
as sinuosidades verdes das ondas,
as delicadezas do rococó,
estética graciosa,
mal compreendida
(como ele, às vezes),
homem múltiplo,
gênio incontestado,
como os seus mestres renascentistas,
milionário singelo,
comunista por compromisso com o fraterno,
que sentimento pródigo,*

*neste tempo de indigência,
neste deserto de colossos,
em que os únicos mitos
são os da propaganda e os da droga,
como coluna
sustentáculo,
pai, irmão, amante,
em Brasília,
no Brasil,
entre os nossos patrícios
desamparados,
enganados e
explorados,
e aguardando
aquela promessa de Brasil
do pão certo,
da terra possuída,
da casa construída,
e até do cemitério igualitário dos ancestrais
em que (oh! doçura!)
nos converteremos
em terra da nossa terra!¹⁴*

A combinação de cores e sugestões marinhas incidindo sobre formas de nuançados movimentos é captada de forma extraordinária pelo olhar do poeta em um defrontar-se com a arte maior do arquiteto, que é a cidade milagre na luminosidade - miragens do planalto de cerrados do Brasil central. Pode não ser epifania em doações, mas com certeza se faz desvario nas sensações sinestésicas das verberações até transformar a dureza do concreto em leveza e graciosa beleza. Brasília espelha na identificação com seu criador:

¹⁴ *Poesia II*. Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 1998, p. 54-56.

Oscar Niemeyer. Os versos em bailados com as artes plásticas se conformam em estrutura perfeita de estilos artísticos, como se pode ver em "as sinuosidades verdes das ondas, / as delicadezas do rococó, / estética graciosa", sintetizando no percuciente olhar do poeta a Brasília da arte e de tantos brasis.

É um poema síntese da arte e do artista; do político sem partido em defesa de todos os direitos do brasileiro à espera da jamais cumprida promessa de um Brasil

*do pão certo,
da terra possuída,
da casa construída,
e até do cemitério igualitário dos ancestrais
em que (oh! doçura!)
nos converteremos
em terra da nossa terra!*

Nenhum projeto de política social e reforma agrária seria tão definitivo como expresso está nos versos cassianianos.

Inteira como a própria personagem que retrata é a construção poética de Cassiano Nunes. Não é um poema ditado por normas poéticas. Subverte-as com forte marca de independência quanto ao ritmo de versos livres. E ao realizar o *portrait* do grande arquiteto brasileiro, irmanam-se os elementos da arte palavra - o verbo - com a arte da harmonia, o "visor" projetivo de perspectivas milagrosamente flutuantes nos espaços à luminosidade meridiana na arquitetura de Oscar Niemeyer.

E o verbo escava que escava todos os meandros do ser. A arte que como tal se realiza é aquela que desperta em nós a necessidade de reflexão e mudança. "Ode a Oscar Niemeyer" é o libelo contra toda exploração do homem pelo homem e a negação absoluta do absentismo e omissão do poeta Cassiano Nunes. A "Ode" de Cassiano fez-se arte sem falso engajamento e sem perda de suas excelências poéticas. É a negação de qualquer panfletismo populista.

Saudades de Vicente do Rego Monteiro

*Em que mundos,
em que páramos,
caminhas ou navegas
na tua desbotada e desconjuntada
Um usinei*

*Que mágico verso murmuras ?
Em que tela imprimes
teu cubismo mítico?
Ofereces ainda a celeste aguardente
de tua alquimia?
O poético, o lúdico,
o erótico, o malicioso
(contudo, ingênuo),
eram tão teus objetos
como os do atelier, em que trabalhavas,
as colagens, bricolagens,
experiências de tipografia.*

*A Cidade do Futuro
te foi pior que hostil:
neutra.
Nem os jovens te viram:
repetiam gastos slogans.*

*Mas eu, já encanecido,
ainda pude aproveitar a tua lição:
a invenção,
a permanente, a perpétua
invenção,
róseo giroflê, desafiando o nada.*¹⁵

Deixei para comentar por último o poema "Saudades de Vicente do Rego Monteiro" por duas razões. Primeiro, pela amizade que ligou os dois artistas, o poeta Cassiano Nunes e o pintor Vicente do Rego Monteiro, pernambucano que veio a falecer em Paris. Segundo, porque parece-me ser um texto muito importante para apresentar a questão fundamental das relações da poesia com a pintura, sobretudo quando se tem em mente os dois níveis de criação e recriação, o da linguagem, distintivo das várias artes plásticas, e o dos conteúdos, no qual se estabelecem muito frequentemente as afinidades entre essas artes. Nesse poema, fica isto claro: a pintura permanece pintura, e a poesia, que a toma como tema, expressando as emoções do sujeito lírico na sua particular linguagem, permanece poesia, em uma espécie de diálogo entre dois amigos, simbolicamente entre as duas artes. Assim, no poema de Cassiano Nunes sobre Vicente do Rego Monteiro e sua obra, concorre não somente a parcialidade do sujeito que cria o objeto, isto é, o poeta emocionado em face do quadro do pintor amigo, mas também um à vontade, de convívio dos dois professores, em uma relação de amizade fraterna. Essa parcialidade e subjetividade são marcantes no poema e expressam a afetiva relação que perpassa pelo poema desde o seu título com a presença do termo "saudades". Todo o poema, nesse sentido, presta uma homenagem ao pintor, realizando um canto à amizade.

¹⁵ *Poesia I*, p. 76-77. Publicado originalmente em *Jornada lírica: antologia poética*, 1984, p. 112.

*Ofereces ainda a celeste aguardente
de tua alquimia?
O poético, o lúdico,
o erótico, o malicioso
(contudo, ingênuo),
eram tão teus objetos
como os do atelier, em que trabalhavas,
as colagens, bricolagens
experiências de tipografia.*

Também da subjetividade, e que de certa forma data o poema, é o fato histórico da presença do pintor em Brasília, onde foi ignorado pela comunidade acadêmica da Universidade de Brasília, que desconhecia, e desconhece ainda hoje, muitos valores culturais existentes em sua universidade, e a importância destes para sua identidade. O tema desse poema é particularmente caro ao escritor Cassiano Nunes. Ele se faz paladino nessas jornadas em benefício da cultura, consciente de que é pela cultura que o homem se aperfeiçoa como ser e cidadão.

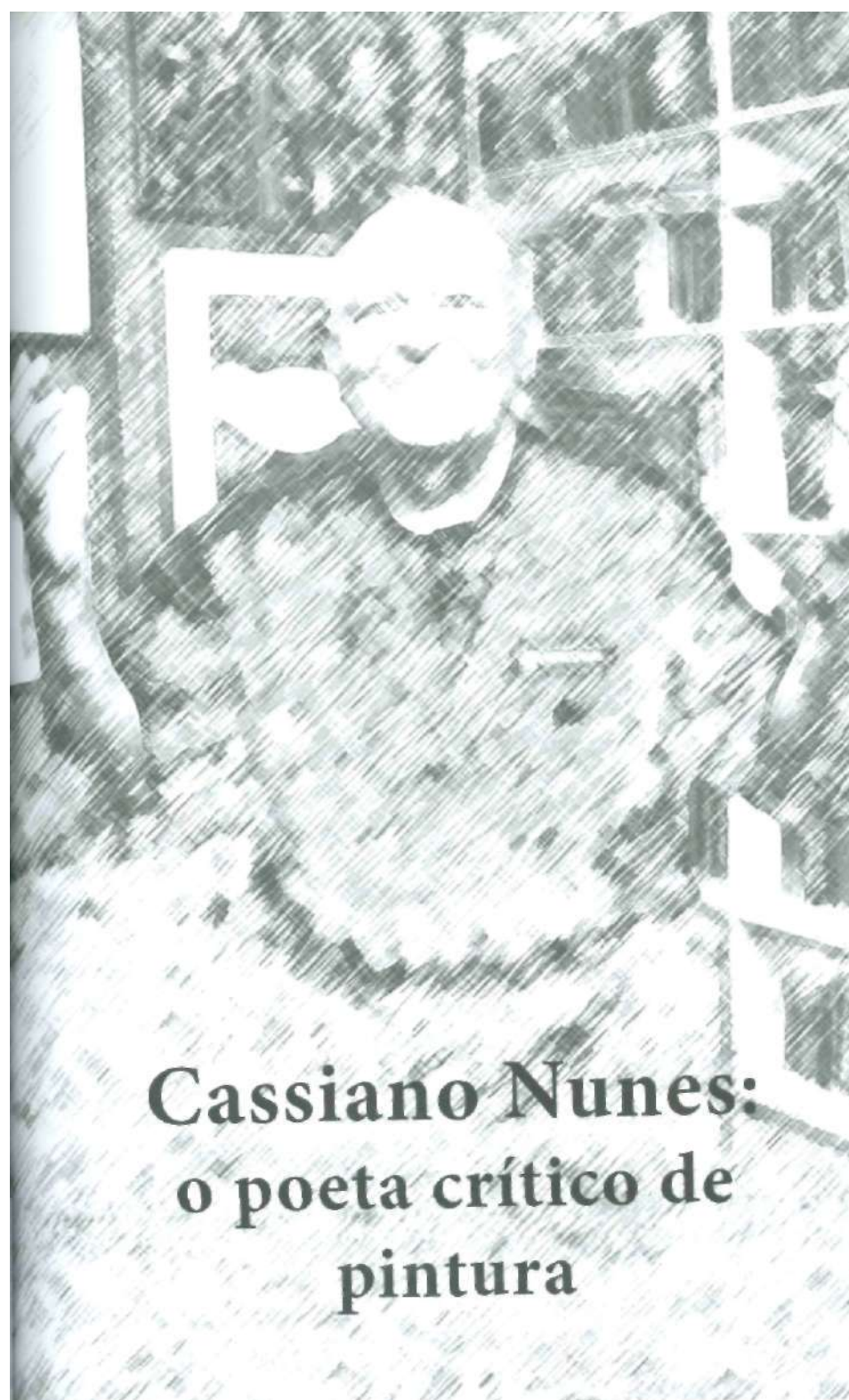
Nesse sentido, "Saudades" tem muito a oferecer, como a forte brasilidade do bem receber particularizada no cálice plurissignificativo de aguardente saída de uma alquimia de nossa naturalidade pernambucana ou mineira. Tudo é invenção de modo de ser gente do Brasil.

O artista Vicente do Rego Monteiro configura-se, ao longo de 28 versos livres em quatro estrofes irregulares, de acentuada musicalidade de ritmo interno e assonâncias rítmicas, além do pintor cubista que é, com traços marcantes de uma arte impressionista dos trópicos: lúdico, ingênuo erótico, também como inventivo poeta de mágicos versos.

Não se chega facilmente a conclusões definitivas em trabalhos de pesquisa como o que aqui se faz. Quando muito pode-se dizer que as afinidades entre poesia e as artes plásticas são relativas aos conteúdos. O melhor a dizer com respeito a esse inter-relacionamento é

que, para conclusões consensuais, muitos outros aspectos devem ser explicitados, uma vez que o tema implica conhecimentos diversificados, tanto nas ciências quanto nas artes, e não somente estéticos e artísticos, sendo algo mais profundo, a um tempo físico e metafísico, psicológico, filosófico e religioso nas relações do homem com a natureza e com as artes.

Nesse sentido, tanto essa série de poemas quanto os escritos sobre pintura, sobre os quais apresento comentários e análise a seguir, poderão contribuir para maior clareza acerca desses estudos. São textos em prosa, inéditos na obra de Cassiano Nunes, sobre as artes plásticas, com os quais ele se apresenta como crítico de pintura, mesmo se negando mérito para a boa crítica de arte. São poucos textos, mas têm a seriedade que lhe é costumeira e em uma linguagem apropriada que bem justifica a apresentação desses escritos.



**Cassiano Nunes:
o poeta crítico de
pintura**

"Espera um pouco pela ressurreição "

Cassiano Nunes

Pa poesia sobre artes plásticas para a crítica de pintura, Cassiano Nunes realiza nova dimensão de sua obra de escritor culto e versátil. Desses poemas ele passa para a escrita sobre pintores e suas telas, em um exercício crítico que, sem grandes pretensões, certamente contribui para explicitar mais ainda as relações da poesia com as artes, especialmente com a pintura. Sendo um intelectual privilegiado de vasta cultura artística e literária, como se manifesta em toda a sua obra de escritor, tudo que se relaciona com o homem e seu universo provoca-lhe interesse. Esses escritos são exemplos desse seu modo de ser. Expressam não somente sua vivência em um meio artístico, mas também substanciam seu discurso crítico. Isto é, seu interesse pelas artes plásticas vai além do poema, estende-se à crítica de pintura e desenhos. Essa crítica revela um Cassiano amante de pintura e exemplifica seu senso crítico e dons de privilegiado observador das artes e da cultura.

É muito frequente um poeta interessar-se pelas artes plásticas, notadamente pela pintura, não somente como tema de seus poemas, mas também para uma prática de análise e crítica. Disso há exemplos na história da arte e da literatura, em muitos momentos na evolução da criação artística. Bastaria citar os movimentos artísticos e literários da segunda metade do século XIX na Europa, particularmente significativo na França, com influências marcantes nas artes no Brasil do mesmo século. A partir do Modernismo, com a "revolução" de escritores e poetas de torna-viagem, como Graça Aranha e Oswald de Andrade, e os desvarios da Paulicéia de 1922, sob o impacto da Semana de Arte Moderna, essa prática consolida-se nos meios artísticos e culturais brasileiros.

Recentemente, a interdisciplinaridade tornou-se quase uma prioridade nos estudos literários. Essa "metodologia pedagógica" propicia marcante interação nas diferentes formas de arte e, não raro, determinado artista expressa-se em dois ou mais estilos artísticos, como Renoir e Baudelaire. Ambos, pintor e poeta fizeram crítica literária e de pintura. Na história das artes no Brasil, existem bons exemplos dessa versatilidade, como o já citado do poeta e romancista Jorge de Lima, que também era pintor. Sabe-se que muito do seu trabalho artístico e literário se fazia no seu consultório médico, que era assim um espaço interdisciplinar, no Rio de Janeiro, funcionando como ateliê de pintura e espaço de convívio de artistas, poetas e escritores. Mário de Andrade é exemplo das afinidades entre as diversas artes, incluindo aí também a música e o folclore. Herdeiro desses escritores, e grande admirador dos movimentos modernos e contemporâneos das artes plásticas, Cassiano Nunes contribui para a crítica de arte no Brasil, conforme se evidencia nesses textos críticos. Lembro o seu gosto pela música - "para mim a mais importante das artes", confessou-me - e pelo canto. Muitos dos seus poemas foram musicados e fazem parte do repertório de cantores profissionais. Certamente isso vem concorrendo para grande parte de sua crítica de pintura. Exemplar nessas afinidades de poesia e artes plásticas é a do pintor que se faz crítico de sua própria arte, ligando-a muitas vezes à poesia ou às demais artes. Realiza dessa maneira uma história da arte e da crítica, com um discurso pertinente tanto para a literatura quanto para a pintura.

É nesse sentido que analisamos os textos de crítica de pintura do poeta Cassiano Nunes. Embora negando-se a si mesmo o epíteto de crítico de arte, podemos observar seus dons, sua sensibilidade e bom-gosto para o sério ajuizamento sobre as artes plásticas, não somente a partir desses textos, como também em outros escritos em prosa, como em *Sedução da Europa*, publicação da Editora Saraiva, o qual sugerimos como importante leitura sobre o assunto. Nele, o mestre de literaturas expõe seguro conhecimento sobre arte, poesia e cultura em uma deliciosa lição de comparatismo das artes na Europa e no Brasil.

Portanto, da poesia sobre artes plásticas para a crítica de pintura, Cassiano faz-se crítico não somente pelo conhecimento adquirido mas também pela sensibilidade de ver e melhor expressar aquilo que concerne à criação artística, com adequação da perfeita linguagem. A pintura, o desenho, e mesmo a arquitetura, artes de espaço, cores e movimento desafiam o poeta. Cassiano aceita esse desafio, e seus escritos sobre arte ganham a justa dimensão de uma nova obra do escritor, merecedora de exegese e interpretação e análise. Quanto à sua postura crítica em face da produção pictórica no Brasil - principalmente em Brasília, onde é sempre solicitado a manifestar-se sobre a vida cultural da cidade -, Cassiano Nunes sobressai-se com densos ensaios sobre pintores e suas obras. Esses ensaios, até agora inéditos, ainda que um público restrito deles tenha tomado conhecimento por meio de *folders*, foram motivados pelas exposições individuais realizadas em espaços culturais de Brasília. Assim formalizados, não implica entretanto valor menor, como se pode ver com sua leitura.

Poucos desses ensaios são datados. E isso não é exceção na literatura de Cassiano Nunes. Ele não tem por hábito datar os seus escritos, particularmente os poemas, que começam a exigir uma edição crítica, o que assegura bons trabalhos de pesquisa, ocorrendo o mesmo em relação a esses ensaios. Os escritos sobre Athos Bulcão, Péricles Rocha e Sílvio Zamboni são exemplos desse seu procedimento. Contudo, é possível estabelecer algumas datas observando os *folders*-convite para as exposições. O importante, porém, especialmente para as pesquisas sobre as afinidades entre poesia e artes plásticas, são as definições e os conceitos estéticos e artísticos aí expressos.

À proporção que se lêem esses ensaios, descobre-se que não se trata de mero passatempo do poeta. Cassiano Nunes sabe o que diz. Fala bem sobre o que conhece e o que sente em face da arte que muito tem de analogia com sua arte de poeta e de escritor. Não é por desfastio, portanto, seu escrever sobre artes plásticas. Faz-se arte que expressa uma consciência de algo a mais na sua obra de

escritor e estudioso. Aliás, o saber expressar-se de Cassiano estende-se a muitos outros modos, embora poucos conheçam suas artes de letrista de música, por exemplo, e de cantor de música popular, uma das raras alegrias que ele se concede atualmente. Não são pois moda passageira esses escritos sobre pintura. Aliás, ele aí deve sentir-se em boa companhia. Nas suas leituras preferidas inscrevem-se narrativas, quase sempre memorialistas, ou biográficas, como a de Vincent Van Gogh (*Cartas a Téo*, 2002), livro a que ele se refere com admiração, exemplos de rica literatura sobre artes plásticas, particularmente sobre pintura moderna impressionista ou expressionista. Sobre esses ensaios são os comentários e as análises interpretativos a seguir.

A pintura de dona Cândida

Graças a sua significação antropológica e cultural, a pintura naif brasileira marca presença em conceituados museus.

Na década de 1940, os escritores de São Paulo filiados à ABDE (Associação Brasileira de Escritores) organizavam caravanas e iam às cidades do interior do Estado de São Paulo levar o estímulo ao interesse pelo saber. Criavam centros culturais, incentivavam os escritores locais, sugeriam melhorias para incrementar a cultura, entre outras atividades locais. Em uma dessas excursões, Lourival Gomes Machado, crítico de artes plásticas, descobriu um pintor de especial talento. Porteiro de modesto hotel, antes camponês e trabalhador em cafezais, José Antônio da Silva não tardou a ganhar renome internacional

O meu conhecimento da pintura de d. Cândida Xavier Costa, que assina os seus quadros como Cândida X. da Costa, fez-me pensar, de certo modo, em José Antônio da Silva, cujo museu especial em São José do Rio Preto me encheu de admiração. D. Cândida nasceu em Niquelândia (antiga São José do Tocantins) e foi criada em Uruaçu. Perfeitamente goiana. Há 31 anos mora em Brasília e há 26 toma conta da casa e do ateliê de Athos Bulcão, o artista consagrado que muito colaborou para o embelezamento de Brasília.

O convívio laborioso e diário com Athos levou d. Cândida a interessar-se pela pintura. Escondida, fez algumas máscaras femininas quando mestre Bulcão realizava suas máscaras masculinas. Athos as viu, divertido com a descoberta. Daí em diante, d. Cândida começou a pintar seus quadros, e Athos Bulcão deu-lhe seu apoio. Duas exposições já a revelaram ao público de artes plásticas do Distrito Federal. Fui ver agora os quadros que compõem sua terceira Exposição.

Admirei, na artista, principalmente, a criação da clareza. É notável sua preferência pelas cores claras, que nos dão uma impressão de pureza e singeleza. Boa parte de seus quadros fez-me pensar no verso de Hermes Fontes, que nos diz: "a poesia é uma segunda infância". Infância e poesia são realmente os pensamentos que brotam em nós ao vermos os quadros de d. Cândida. A tendência religiosa predomina na coleção de pintura. Os temas bíblicos são os que mais se mostram. Os relatos bíblicos feitos com simplicidade pela mãe da pintora - adventista - à filhinha sensível deixaram sua marca.

"O cântico de Moisés", além do "Mar", que apresenta uma solução geométrica instigante, e "O bebê Moisés salvo das águas" baseiam-se naturalmente no texto bíblico.

O temático cristão também está presente em "Jesus e os discípulos colhendo espigas" - o mais formoso desta linha -, uma sensível melodia em tons brandos de amarelo; e mais ainda em "A anunciação", "A ascensão" e "O encontro de Zaquê com Jesus".

A série do "Apocalipse" apresenta um tom dramático, mas, com tão feliz criatividade, que não desfaz o triunfo da serenidade. Serenidade que aparece bem na pintura de flores: três quadros sobre lírios e três sobre tulipas.

E, neste ponto, vou finalizando essas impressões de poeta (não de crítico de artes plásticas, que não sou), mas de poeta que se sente muito afim com as artes plásticas, especialmente com a pintura. Por este motivo, já escrevi poemas sobre Braque, Bonnard, Brancusi, Vicente do Rego Monteiro (querido amigo) e José Antônio da Silva, o excelso naif da mesma corrente de Cândida X. Costa. Corrente a qual se sobrepõem o natural, o espontâneo e o individual.

Um quadro como o "David pastor e suas ovelhas", de d. Cândida, revela-nos a presença da poesia na pintura.¹⁶

¹⁶ Texto de 1999. A exposição *Cândida Xavier Costa* realizou-se na Galeria Parangolé, em Brasília, de 4 a 29 de agosto de 1999.

O primeiro dessa série de ensaios, não pela data mas por ser o mais recente, é sobre a pintura de Cândida Xavier da Costa, que, aliás, não é uma artista iniciante nas artes plásticas. Como governanta do professor Athos Bulcão, artista e intelectual brasileiro internacionalmente conhecido e respeitado, ela fez um excelente aprendizado nas artes, realizando importante obra pictural, apresentada em exposições coletivas e individuais. Dona Cândida é uma pintora primitiva de reconhecido valor. Com sua pintura, de marcante religiosidade e ingênuo simplicidade, Cândida Xavier é conhecida no Brasil e no exterior, com posição de destaque no Museu Internacional de *Art Naïf* de São Paulo e no Rio de Janeiro.

Nossa análise e nossos comentários não são porém sobre seus belos quadros de motivos simbólicos, em azul e branco, de figuras emblemáticas que muito me emocionaram. Referimo-nos ao ensaio do poeta Cassiano, no qual a obra da artista goiana se revela com beleza e autenticidade próprias de *art naïf*.

No convite para a abertura da exposição *Cândida Xavier da Costa*, ocorrida de 4 a 29 de agosto de 1999, em Brasília, Cassiano Nunes escreveu:

Na década de 40, os escritores de São Paulo filiados à ABDE (Associação Brasileira de Escritores) organizavam caravanas e iam às cidades do interior do Estado de São Paulo levar o estímulo ao interesse pelo saber. Criavam centros culturais, incentivavam os escritores locais, sugeriam melhorias para incrementar a cultura, entre outras atividades locais. Numa dessas excursões, Lourival Gomes Machado, crítico de artes plásticas, descobriu um pintor de especial talento. Porteiro de modesto hotel, antes camponês e trabalhador em cafezais, José Antônio da Silva não tardou a ganhar renome internacional. O meu conhecimento da pintura de d. Cândida Xavier Costa, que assina os seus quadros como Cândida X. da Costa fez-me pensar, de certo modo, em José Antônio da Silva, cujo museu especial em São José do Rio Preto me encheu de admiração.

A longa citação expressa dois pontos importantes. Primeiramente, revela que o escritor e professor Cassiano Nunes não é um neófito da crítica de pintura. Parece-me que ele se apresenta de imediato com saber e conhecimento para exercer seu *métier* de crítico. Conhece pintura e museus, o que lhe permite estabelecer as analogias características desse tipo de estudo, que é, na verdade, um estudo comparativo das obras de arte, forma certamente adequada e segura de abordar os processos criativos da arte pictórica e os estilos artísticos, individual e coletivo, estabelecendo escolas, como ainda se dizia. Convém observar, também, nessa citação, algo inerente ao pensar de Cassiano Nunes, intelectual e cidadão, acerca da ação civilizadora das "caravanas" que se deslocam aos espaços interioranos e mesmo periféricos das grandes metrópoles para levar "o estímulo ao interesse pelo saber". Quem convive com Cassiano no dia-a-dia conhece seu bandeirantismo cultural, ação de inegável eficiência contra a violência, segundo seu pensamento.

O segundo ponto a observar concerne à terminologia empregada na análise de cada obra e na apresentação de cada pintor, com uma interpretação dos valores intrínsecos da tela, sem repetições minimizadoras. Acrescente-se a todas essas observações o fato de que o poeta em pele de crítico de artes plásticas afina sua linguagem ensaística sempre com a literatura, principalmente com a poesia, como vemos na citação:

Boa parte de seus quadros fez-me pensar nos versos de Hermes Fontes, que nos diz: "a poesia é uma segunda infância". Infância e poesia são realmente os pensamentos que brotam em nós ao vermos os quadros de d. Cândida.

Isso revela algo da criação poética em Cassiano. Ela capta as sensações da arte e transmite-as, em uma filtragem por meio da sensibilidade. Identificação? Certamente uma cumplicidade do poeta com o artista, em uma comprovada predisposição para captar a poesia das coisas, com sensibilidade aguçada do poético e o

dom de expressar o inexprimível, isto é, o invisível ao olhar comum faz de Cassiano Nunes um privilegiado crítico, quer seja das artes em geral, quer seja especificamente da pintura ou do desenho, expressivo nesses ensaios. Portanto, ninguém melhor para descobrir poesia na obra de arte do que um sensível poeta.

E neste ponto vou finalizando estas impressões de poeta (não de crítico de artes plásticas, que não sou), mas de poeta que se sente muito afim com as artes plásticas, especialmente com a pintura.

Sua afirmação derradeira do ensaio legítima, de certa maneira, os estudos que venho realizando sobre o tema das afinidades entre a poesia e as artes plásticas com natural sustentação no que afirma o poeta. "Um quadro, como o *David pastor e suas ovelhas*, de d. Cândida, revela-nos a presença da poesia na pintura".

Athos Bulcão

"Parece-me encontrar nos quadros dessa exposição, o artista na claridade do seu ser"

Cassiano Nunes

Já completei vinte anos de residência em Brasília, para onde vim depois de uma estada de três anos em Nova York, e só há pouco, nesta cidade pioneira e moderna, fiz amizade com Athos Bulcão.

Mais de uma vez, fui retardatário na vida. Os poucos que conhecem minha poesia sabem quantas vezes mostrei-me retardatário na existência. Precoce e retardatário, a minha permanente contradição. A minha precocidade nunca me impediu o retardamento, a tardia chegada alta-noite, ao palácio, em que a festa já tinha acabado... Mas há uma compensação para essa perda-, a fruição é mais fina, o saborear é mais crítico, a degustação é mais sábia, mais exigente.

Assim encontrei Athos Bulcão, ou melhor, reencontrei, porque seu nome e sua arte, há muito, eram conhecidos por mim. Deparei com seus trabalhos em época já distante, nas páginas do excelente suplemento literário "Letras & Artes", do jornal A Manhã, que, se não erro, teve como orientadores de suas páginas literárias Ribeiro Couto, Múcio Leão, Jorge Lacerda, e, por último, Almeida Fischer, que foi um dos primeiros a criar suplementos literários em Brasília.

Confirmo as palavras de Elder Rocha, publicadas no Jornal de Brasília, quando dizia:

Conhecer uma pessoa como Athos Bulcão é uma rara oportunidade. É a oportunidade de conviver com uma personalidade que elegeu o caminho da Beleza, que escolheu o bom gosto como norma, que adotou a Arte como conduta de vida e que, no fazer artístico, se realiza e se conduz como ser humano.

Muito bem dito, muito bem escrito. E suficiente um conhecimento leve e breve com o artista, de que falamos, para, de maneira imediata, captarmos o seu estilo de vida, ou melhor, de seu modo de ser. Em suma, um homem que dedicou toda a sua vida à arte e seu artesanato, que consagrou sua existência inteira ao culto à beleza. Ação e contemplação.

A biografia de Athos Bulcão é o mero registro de suas atividades de artista - as mais altas e honrosas, no convívio natural, igualitário, com os grandes artistas que não se limitam a Niemeyer e Portinari. Tratamos de um desenhista, pintor, artista apaixonadamente devotado à criação da arte como integração arquitetônica-, professor, cenógrafo (tendo vivido a grande fase aurora de Os Comediantes!), ilustrador... A sua garra é principalmente visível no cenário urbano de Brasília, onde, em numerosos lugares, deparamos com sua presença criativa, concreta, causando impacto. Bulcão traz, para o instante primevo da grande aventura pioneira, o destilado sumo, o delicioso mel, que constitui conquista dos milênios, com suas lutas, ascensão, triunfos do homo sapiens. Ninguém mais adverso às audácias dos apedutas, às ignorâncias iluminadas, às irresponsabilidades "artísticas", assim mesmo com aspas. O artista carioca, carioca e pioneiro, o que quer dizer também bandeirante, não separa sua sensibilidade do seu senso. Sense and sensibility, como essa artista imortal Jane Austen. Arte, para Bulcão, é também sabedoria. E pode haver acaso arte que não seja sabedoria! A sabedoria não impede a invenção. Ao contrário, exige-a.

Essa exposição que Athos Bulcão realiza, e na companhia de outro artista de alto valor e também pioneiro de Brasília (porque o pioneirismo é antes de tudo um estado de espírito), a recalitrância ao formal, ao artificial, ao burocrático, desvela de maneira imediata, relampejante, em formas de vivas, espirituais e materiais, tudo o que aqui foi dito nas digressões lentas, espessas, da prosa.

Os quadros de Athos Bulcão dispõem de uma outra linguagem, mais viva, direta, reveladora. O artista conta com sua intuição, a idealidade, de que falava Croce, e, portanto, põe seu interlocutor (o espectador) imediatamente no aberto, aquele espaço de liberdade e iluminação no qual o racional e as palavras se tornam desnecessárias.

Parece-me encontrar, nos quadros dessa exposição, o artista na claridade do seu ser: na alegria de estar-no-mundo (alegria que não dispensa a dor), no convívio extático com as coisas, com os elementos da Natureza. O ofício humano parece-me o tema fundamental do pintor. A alegria do trabalho - alegria lúdica, como bem o demonstrou Huizinga. Homo sapiens, artesão, poeta do Mistério, pastor do Ser, toda essa sucessão de máscaras do Humano (o artista como ator da Verdade! — Emerson), descubro na variedade dos trabalhos de um homem que prova, com sua arte, seu engajamento na grande luta, que consiste principalmente nisto: diante da matéria bruta, achar a decodificação do espírito redentor.¹⁷

Este denso texto sobre exposição do artista Athos Bulcão tri-dimensiona os ensaios de Cassiano Nunes. Capta arte e literatura, pintura e cultura e os apresenta em um viés de confissões autobiográficas. O poeta apreende Brasília, e de certa forma o país, na sua mutação sociocultural e artística.

Athos Bulcão, renomado intelectual fluminense e Cidadão Honorário de Brasília, é um dos mais importantes representantes da arte moderna e contemporânea no Brasil. Sobre ele Cassiano Nunes também escreveu o original poema "Um quadro", inspirado em uma tela que hoje faz parte da coleção particular do poeta. Convém ressaltar que Athos Bulcão é, entre os artistas plásticos brasileiros, um dos mais complexos, em versatilidade e presença na arte da pintura

¹⁷ Texto do final da década de 1980.

e do desenho. Devotado "à criação da arte com integração arquitetônica", Cassiano o iguala a Oscar Niemeyer e a Lúcio Costa, a quem se liga, na condição de artífice de Brasília, o artista de muitas faces. Com afinidades entre o literário e o plástico, ressalta-se o convívio extraordinariamente produtor desses artistas como professores na Universidade de Brasília, todos imbuídos da responsabilidade de criar uma cidade, hoje Patrimônio da Humanidade, que é muito mais que a urbe do Poder. Brasília é nesse sentido um museu a céu aberto das artes de Athos Bulcão, de Oscar Niemeyer e de Cassiano Nunes, arte aliás que enriquece nossos palácios, edifícios e espaços públicos vários, de um *modus vivendi brasiliis*, com marcante presença ainda mais justificada no Campus da Universidade de Brasília, espaço de longa vivência desses grandes e queridos mestres.

Unido assim ao grande arquiteto e a Lúcio Costa, idealizador do monumental Plano Piloto de Brasília, Athos Bulcão comunga dos louros aos construtores da mais moderna e bela metrópole da América Latina. Isso empolga. Inibe também. Apesar de todo o entusiasmo do poeta e ensaísta pelo versátil artista, Cassiano Nunes tropeça no caminho, ou melhor, na sua exposição, na busca da melhor expressão para destacar os valores que o surpreendem, e que se superpõem, na análise que realiza de Athos Bulcão e sua obra. Em outras palavras: a excelência do artista Bulcão funde-se com os valores do homem Bulcão como um todo indissolúvel, perdendo-se, em decorrência do pequeno espaço, muito do que poderia ser dito sobre sua pintura e o que ela representa.

Penso que, entre as possíveis funções dos ensaios críticos de Cassiano Nunes, existe sua condição de material para o conhecimento da história da pintura no Brasil. Ricos de informações, esses textos são documentos de fácil acesso, com presença garantida de vários desses quadros em sua residência-biblioteca. Eles formam uma pinacoteca particular de razoável valor. Não falta a Cassiano Nunes, além de tudo, a segurança de conceitos, que são, aliás, enraizados na conceituação de arte em geral, pintura ou literatura; poesia ou escultura: "Arte é também sabedoria. A sabedoria não impede a invenção. Ao

contrário, exige-a", afirma o vate-crítico; não lhe faltando, sobretudo, sensibilidade para falar dos processos do artista e do prazer que sua arte proporciona ao espectador. E acrescenta:

A sua garra é principalmente visível no cenário urbano de Brasília, onde, em numerosos lugares, deparamos com a sua presença criativa, concreta, causando impacto.

Quanto aos quadros, da exposição, motivo particular desse ensaio, Cassiano Nunes não vacila considerá-los de alto valor, em que se põe "a recalcitrância ao formal, ao artificial, ao burocrático". Apresenta a arte de Athos Bulcão em ligação íntima com seu criador. Convém lembrar que qualquer um de nós que conviveu com Athos Bulcão sabe que ele é como a arte que realiza:

Parece-me encontrar, nos quadros dessa exposição, o artista na clareza do seu ser: na alegria de estar-no-mundo (alegria que não dispensa a dor), no convívio extático com as coisas, com os elementos na Natureza. O ofício humano parece-me tema fundamental do pintor. [...] descubro na variedade dos trabalhos de um homem que prova, com a sua arte, o seu engajamento na grande luta, que consiste principalmente nisto: diante da matéria bruta, achar a decodificação do Espírito redentor.

Também aqui Cassiano Nunes grava sua chave de ouro, *gran finale* de religiosidade e ascensão espiritual presente na sua criação artística.

Sua função justifica-se assim na medida em que esses ensaios, como um texto único, oferecem a seus leitores algo mais que elogios de amigos. Preenchem um espaço que, de certa forma, beneficia ao mesmo tempo as artes plásticas, em uma conceituação particularizadora e nas suas afinidades com as demais artes, principalmente com a poesia e a literatura, e ainda com as ciências, com a filosofia de Bergson e a filosofia da arte de Huizinga, entre outros nomes importantes na história da arte e da cultura.

Péricles Rocha, múltiplo e único

*A analogia, comparação e consangüinidade,
nas artes constituem método, interdisciplinar da
crítica moderna.*

Estava terminando um ensaio sobre "a multiplicidade de Ledo Ivo", depois de ter lido extensamente sua obra, quando fui convidado para ir ver a nova coleção de quadros de Péricles Rocha. Li o poeta-romancista absorvido, anotando as numerosas características de sua obra. Entrei no mundo do artista plástico maranhense ainda com a mente cheia das imagens do poeta de Maceió. Dois mundos ricos, profusos, misteriosos, marcados pelo ethos regional. Ambos os artistas parecem pertencer à mesma região. Na verdade, de Sergipe ao Maranhão, estende-se um território que tem muitos elementos culturais comuns. No alagoano, realmente há muito a presença da água. Em Péricles Rocha, há muito o sertão seco, místico, criativo - a literatura de cordel por exemplo —, tradicional, estático doloroso!

Péricles Rocha oferece um espetáculo cromático estranho, mítico, fortemente individualista, mas em que observo uma miscelânea de traços, um caleidoscópio de qualidades. Procurarei enumerá-las, como fiz com Ledo Ivo. Cito, exemplificando, a sua "monumentalidade", baseado em Josué Montello, seu "ar-cimboldismo", percebido por Hugo Auler, as "impregnações do fantástico", tão bem expressas por Miguel Jorge, as "videntes raízes populares" anotadas pelo poeta maranhense Ferreira Gullar (o poeta das palavras reconhece o poeta da pintura) e o erotismo e a "animalidade" comentados por Vicente Pércia. Clóvis Sena aponta ainda, na pintura do seu conterrâneo, arte complexa e rústica (rústica na sua temática, mas não na sua realização), a mitologia do alto sertão, "lá pelas nascentes dos

rios Balsas e Parnaíba, onde Maranhão, Piauí e Goiás¹⁸ se fundem e fraternizam nas mesmas crenças, linguagem e torneio". Pessoalmente, vejo na pintura de Péricles Rocha uma extemporânea manifestação do romantismo fantástico de Poe, de Hoffmann. Mais perto de Alvares de Azevedo que de Gonçalves Dias.

Sempre achei uma injustiça, um absurdo, que tanto se fale "na pobreza do Nordeste", na "ignorância dos nossos sertões", e não se fale na riqueza, na imensa riqueza da nossa cultura popular. Cultura popular que inspirou tantos artistas requintados, superiores! Sempre me deslumbrei diante dessa opulência realmente deslumbrante.

Péricles Rocha, com seus quadros, de maneira poderosa, impressionante, dá-nos notícia dessa riqueza fantástica.¹⁹

O ensaio "Péricles Rocha, múltiplo e único", acerca do consagrado pintor maranhense, detentor de muitos prêmios, com várias exposições individuais, expressa bem as afinidades existentes entre as artes da palavra e a pintura. Insistimos nas distinções formais conscientes de que, embora consanguíneo no que concerne a determinadas regras, Poesia é verbo. Pintura é cor no seu agenciamento particularizados. O real é que consubstancia as relações de contiguidade das artes no que concerne à sua matéria significativa e simbólica. Isto é, todas as questões sobre a relação de afinidades entre as artes não são tanto de expressão quanto de tema. Há de se observar nesses estudos como o sujeito lírico maneja o verso como específico na elaboração do objeto que motiva sua criação. É aí, portanto, que reside toda a problemática de comparação entre poesia e

¹⁸ Hoje, com o Estado de Tocantins.

¹⁹ Texto de 1995. A exposição *Péricles Rocha - Pintura* realizou-se na Cavalier Galeria de Arte, em Brasília, de 13 a 26 de junho de 1995.

artes plásticas. Pela permanente pesquisa crítica pode-se dizer que se trata de questão praticamente insolúvel, à qual nem a ciência interdisciplinar teve a palavra final.

Nesse sentido, parece-me que os ensaios do professor Cassiano oferecem matéria para novas reflexões sobre o tema. Seu texto sobre a pintura de Péricles Rocha apresenta dados para uma possível teoria comum às duas artes. Ele o escreveu em um momento especial, no qual preparava, por solicitação do seu amigo, o presidente da Fundação Casa do Penedo, um estudo sobre as inúmeras características da obra literária do poeta Ledo Ivo nas homenagens que a Casa prestaria ao ilustre alagoano. "Nas numerosas características" da obra literária do escritor Ledo Ivo, Cassiano Nunes detecta íntimas relações entre as obras dos dois artistas, consciente de que muitas diferenças existem, particularizadas na autonomia de cada arte, e quase exclusivamente em nível de linguagem. Em síntese, são assim configuradas: pintura é poesia com cores; a poesia é pintura com palavras. Ambas se exprimem, ao final, em símbolos, ícone, metáforas, "materiais" de representação do mundo, como vemos na citação: "Entre no mundo do artista plástico maranhense ainda com a mente cheia das imagens do poeta de Maceió".

Marcados pelo *ethos* regional estão o poema e o quadro. Ambos expressam a mesma preocupação em fixar sua região, particularizando-a como única, ainda que distanciada no espaço, nas exigências das diferenças, como expressa Cassiano: "Na verdade, de Sergipe ao Maranhão, estende-se um território que tem muitos elementos culturais comuns".

"Péricles Rocha, múltiplo e único" é um texto denso e muito rico. A linguagem recria a arte pictorial, ao mesmo tempo que revela a poeticidade subjacente e comum tanto à pintura quanto à poesia, como se pode observar na citação:

Péricles Rocha oferece um espetáculo cromático estranho, mítico, fortemente individualista mas em que observo uma miscelânea de traços, um caleidoscópio de qualidades.



Outro ponto revelador das qualidades desse ensaio refere-se ao "estudo comparado" realizado por Cassiano Nunes, que serve também de material para trabalhos mais extensos sobre o pintor maranhense, ou como substrato para possíveis dados para uma história da pintura contemporânea no Brasil. Cassiano não somente faz um levantamento da temática e demais características desses quadros, mas também emprega o mesmo procedimento aplicado na análise da multiplicidade criativa de Ledo Ivo, enumerando suas características, num complexo esquema em que se ligam literatura e artes plásticas. "Procurarei enumerá-las, como fiz com Ledo Ivo", afirma o poeta.

Enumerando as várias características da pintura de Péricles, arte de estranho cromatismo, Cassiano Nunes descobre-lhe a "monumentalidade", o "arcimboldismo", as "impregnações do fantástico", as "videntes raízes populares" o "erotismo" e a "animalidade". E completa:

[...] vejo, na pintura de Péricles Rocha, uma extemporânea manifestação do romantismo fantástico de Poe, de Hoffmann. Mais perto de Álvares de Azevedo do que de Gonçalves Dias.

Como se pode observar, a crítica de Cassiano Nunes apresenta-se extremamente significativa no que concerne a conceitos de arte. Assinalando o talento de crítico de literatura, reconhecemos também as qualidades de sua crítica sobre arte em geral, mas principalmente aquela que realiza sobre a pintura.

Com base no presente ensaio sobre Péricles Rocha, pode-se dizer que a poesia e as artes plásticas se unem em um só propósito de Beleza; que ambos os artistas - o escritor Ledo Ivo e o pintor Péricles Rocha - se apresentam na sua respectiva arte como poetas. No texto crítico de Cassiano, o poeta de Alagoas, por meio da palavra se irmana com o poeta maranhense, com suas cores, na busca para expressar o inexprimível.

Anjos e sibilas

*O olhar interdisciplinar espelha a
complexa criatura da arte.*

Esta coleção de desenhos e pinturas, inspirada em anjos e sibilas, traz-me, antes de mais nada, do fundo da memória, estes versos de poema de Manuel Bandeira (o poder de marcar, de ferretar, de certos versos!):

Jacqueline morta era mais bonita do que os anjos.
Os anjos!... Bem sei que não os há em parte alguma.
Há mulheres extraordinariamente belas que morrem
ainda meninas.

Contudo, possuo, na minha biblioteca, um volume da Suma Teológica, de Santo Tomás de Aquino, que trata "da criatura puramente espiritual" (Os Anjos). Nesse livro, Damasceno me instrui que o anjo "é dito incorpóreo e imaterial quanto a nós, mas comparado com Deus, conclui-se que é corpóreo e material". O mesmo teólogo afirma que o anjo é "uma substância intelectual, dotada de imortalidade por graça e não por natureza".

Parece que os artistas falam-nos melhor dos anjos que os teólogos, pois contam com a milagrosa sabedoria da intuição. Leda Naud acha-se neste caso. Embora seja discussão ociosa o sexo dos anjos, o fato é que, nos grandes quadros clássicos, os anjos, os arcanjos, sempre me pareceram de feições nitidamente masculinas. E, pois, marcante na arte de Leda o seguinte: seus anjos não são masculinos, nem andróginos, nem assexuados - seus anjos são patente, clara, delicadamente femininos e de significativa beleza.

Essa exuberante feminilidade encontra-se também na série impressionista das sibilas. Anjos e sibilas, de Leda Naud, compõem ambas uma exaltação do "eterno feminino", exaltado por Goethe. A beleza específica do sexo materno caracteriza todas as figuras dos seus quadros. Mas também está presente o mesmo mistério. E os arcanos, as profundidades do grande enigma. A natureza e seus segredos. As sibilas são naturalmente videntes, adivinhas, porque são mulheres. A artista brasileira, por meio de traços espiralóides, helicóides, sugere os meandros, as grutas, as anfratuosidades, o recôndito que oferece a grande, a total proteção. O útero paradigmático. O invulnerável repouso. O antro alcatifado do Sonho.

São, afinal, os artistas que sempre nos ensinam a interpretação das secretas leis da carne, do humano.²⁰

O ensaio sobre Leda Naud se inicia com aproximações da poesia com os desenhos e as telas dessa artista plástica. Leda é muito conceituada nos meios intelectuais de Brasília, onde reside desde a inauguração da capital, em um bom diálogo entre literatura e artes em companhia do esposo, o excelente escritor e poeta Santiago Naud. O processo de escritura do estudo "Anjos e sibilas" faz-se próprio da formação de escritor e de professor de Literatura de Cassiano Nunes. Cada arte lhe traz à memória outra arte, nas suas relações e possíveis analogias.

Com respeito às telas e aos desenhos de Leda Naud, isso se torna mais característico, considerando-se que a artista plástica pertence ao mesmo grupo de intelectuais e artistas do crítico. É natural, portanto, que pinturas e desenhos, inspirados em anjos e sibilas, título escolhido por Cassiano para o pequeno ensaio, despertem no

²⁰ Texto datado de maio de 1991. A exposição *Anjos e sibilas*, de Leda Naud, realizou-se em 1991.

seu espectador versos como os de Manuel Bandeira, citados pelo crítico-vate.

Tocado pela magia dessa arte, Cassiano vai além. Procura, orientado certamente pela poesia dos delicados e poéticos desenhos e telas, na *Suma teológica*, de Santo Tomás de Aquino, decodificar os mistérios que envolvem a criação artística. Com sutil processo de valorização da poesia, instrui-se na teoria de arte de Santo Tomás, que diz ser o anjo "incorpóreo e imaterial", e acrescenta, "Parece-me que os artistas nos falam melhor dos anjos que os teólogos, pois contam com a milagrosa sabedoria da intuição". Como em um jogo, considerando naturalmente a condição lúdica da arte, Cassiano refere-se à discussão sígnica sobre o sexo dos anjos, teoria tradicionalmente considerada como falta de assunto, mas que, inteligentemente no seu trabalho, ele o emprega não somente para determinar as características fundamentais dessa coleção de desenhos e telas de Leda Naud, como também para ilustrar outro importante tema dos estudos literários que é o eterno feminino. Ficam as lições do mestre e crítico, que as sistematiza com lucidez e didatismo. Se fora para a cultura regional e popular a direção do estudo sobre Péricles Rocha, para os trabalhos de Leda Cassiano Nunes busca na filosofia e na teologia a significação dos "anjos e sibilas", que exaltam, com a "sua exuberante feminilidade", o "eterno feminino" consagrado por Goethe:

É, pois, marcante na arte de Leda o seguinte: seus anjos não são masculinos, nem andróginos, nem assexuados - seus anjos são patente, clara, delicadamente femininos. E de significativa beleza.

Auto-retratos

Como delírio, fundem-se na gramática do poema a música, a psicologia e a pintura em substância desses auto-retratos.

Johann Georg Scheuermann, artista do campo musical, que é bem conhecido em Brasília, surpreendeu-me com a revelação de que é também pintor (e pintor que se dedica intensamente à arte da pintura) e convida-me, como ele disse, para julgá-lo, isto é, julgar seus quadros. Um crítico de artes plásticas amador irá, pois, julgar um pintor também autodidata, que pinta desde os oito anos de idade. Scheuermann não é somente assíduo no ato de pintar, mas ainda singularmente pinta à noite, ou seja, em noites inteiras, até o raiar da madrugada. Um quadro é pintado inteiramente em uma noite. E o artista mostrou-me os 62 quadros que serão expostos em sua primeira mostra de arte, mas informou-me que há mais telas nos aposentos de sua bela e ampla casa. Além disso, contou-me esse colega de magistério na UnB que pintou muito mais quadros que não possui mais, porque os jogou fora. E de fato não arremessou todos fora porque sua esposa, a admirável soprano Sônia Bom, resolveu proteger essas obras da fúria destruidora do seu criador.

Um pintor de domingos? Também não tenho sido eu a vida inteira um escritor de domingos (o meu dia útil), deixando de viver a vida da literatura para conseguir sobreviver? Para sobreviver, deixamos de viver, esta é a verdade melancólica.

Não é exatamente este o caso de Scheuermann: ele tem vivido plenamente a vida de músico, nem lhe faltou a companheira inspiradora, fina e profundamente musical. Mas há um outro "eu" do artista — um heterônimo à maneira de Fernando Pessoa ou "sósia" ao modo de Rank - que irrompeu na vida; tomou conta da sua parte "noturna" (nos dois sentidos, o de

pintar à noite e o do subconsciente obscuro). Ninguém ousaria criticar o músico competente que é o nosso colega germânico. Então, expõe-se ele (o seu outro "eu") audaciosamente ao julgamento da crítica. Desejo de provocação? Ânsia de castigo? Vejo o problema do seguinte modo: que há de comum entre o músico e o pintor xifópago?. Este se justifica ante aquele? Não sou crítico, nem mesmo amador, mas me parece que posso compreender e até justificar o pintor que se une ao virtuose da viola.

Depois de Freud, Jung e Adler, na ciência psicológica, e Kafka, Pirandello, Unamuno, Svevo e Borges, sabemos que o homem não tem fixa unidade. Somos uma pluralidade de "eus"... Dr. Jekyll e Mr. Hyde, Fernando Pessoa e Ricardo Reis, Alberto Caeiro e Álvaro de Campos. Antônio Machado, Abel Martín e Juan Mairena... Pirandello disse: sou um, mil, nenhum... Cabe-nos agora dizer que o pintor é o "outro" Scheuermann, e ele me parece germanicamente e remotamente derivado do idealismo romântico teuto. Essa ideologia popularizou-se na Alemanha, e foi divulgada no mundo todo. Camilo em Portugal e Lobato no Brasil derivam dela. Descubro nas obras plásticas de Scheuermann uma presença forte da "filosofia da natureza" (inconscientemente, é verdade), por meio, de modo especial, da presença de vários animais: pássaros de colorido vivaz ou cabeças tristes de macacos. A natureza está viva e problemática nessas telas e ligadas à problematicidade do próprio artista. O processo da metamorfose é o mais habitual nesse mundo pictural. Há também alguns aspectos insistentes, nele, como o da aglutinação, pólipos grumos, ou cachos de coisas que se fundem. E um universo onírico, de movimento, se bem que fantasmal. O fundo frequentemente escuro dos trabalhos plásticos contrasta com o colorido dos objetos apresentados. O autor declara-se alheio às escolas picturais que existem. Certas linhas retas, cortando o espaço, parecem aproximá-lo esporadicamente do cubismo, mas figuras numerosas, que surgem após, negam essa filiação ascética e estética. Os animais em traços agudos

sugerem o compatriota Franz Marc. A abundância criadora faz pensar em Picasso. O ambiente onírico em Chagall. As recorrências musicais em Kandinsky... Coincidências. Scheuermann é bem da Bavária, da Bahia (como Hansen), e principalmente de Brasília (Lago Norte). Sua obra toda é um auto-retrato: dramático, ingênuo (na recusa a um conhecimento maior da arte da pintura), provocativo, perturbador, pela paixão, pela riqueza, pelo antagonismo ao que ama.

Em sua casa, logo ao mostrar-me um dos primeiros quadros seus que eu via - um rebarbativo cérebro pejado de imagens - ele me disse: "É um auto-retrato".

Não gracejava. Ainda outros quadros que me mostrou chamou de auto-retratos (E ele não dá títulos aos seus quadros!). O último deles também foi chamado de auto-retrato. Era sombrio, trágico, misterioso, intrigante. Sim, todos os quadros de Scheuermann são auto-retratos. Há na sua faina criadora o impulso de revelar seu mundo particular, de expor seu universo pessoal; não só o que nele há de belo, mas também o que nele é fuliginoso ou rascante. Essa pintura não é doce, suave, repousante. Scheuermann quer dialeticamente extrair da beleza do unpleasant. É um pintor dramático. Sua arte não é só revelação. Ela representa porventura também desafio.²¹

Bem mais complexo é o ensaio "Auto-retratos" sobre quadros do "artista do campo musical" Johann Geörg Scheuermann, artista plástico nas horas vagas. Complexo na medida em que interpretar sua obra pictural significa apreender, sob o enfoque psicanalítico, o outro "eu" desse artista, que tem vivido plenamente sua condição de virtuose. Scheuermann é, como diz o poeta, um "pintor noturno no duplo sentido: de pintar sempre à noite e de pintar sombrias

²¹ Texto datado de 18 de julho de 1986.

máscaras". Estas são em verdade "um rebarbativo cérebro pejado de imagens", às quais ele chama de "auto-retratos". Implica portanto a presença de um outro "eu" que inibe não somente o competente músico germânico, com a destruição de muitos dos seus quadros, mas também seu colega professor na Universidade de Brasília, eleito crítico de sua pintura, quando o convida a visitar seu ateliê.

Outro dado complicador é que as obras que motivaram esse ensaio não foram apresentadas a um vasto público em uma exposição com tradicional festa. Trata-se de uma série de mais de sessenta telas dispersas pelo estúdio do artista, sob um clima de mil sugestões que esse estranho universo pictórico poderia propiciar. Percebe-se no ensaio o impacto que o convite do "virtuoso da viola" causou no Mestre das Letras. Tem-se a impressão que tantos quadros e telas entrevistados assim em profusão, em uma quase penumbra, causariam em qualquer espectador dificuldades em manifestar-se sobre suas qualidades, principalmente sem a iluminação apropriada das salas de exposições públicas. Como se justificando, Cassiano entre sério e refletindo, diz: "Não sou crítico, nem mesmo amador".

Johann Geörg Scheuermann reconheceu em Cassiano Nunes o perfeito crítico para sua pintura, capaz não somente pela intuição e sensibilidade mas também por sua cultura e conhecimentos das artes plásticas, de compreender e até justificar o convite que lhe fez. Certamente, nem percebeu o espanto que sua arte causara no poeta, na qual ele descobriu uma forte presença da "filosofia da Natureza", filtrada por sua parte noturna e pelo subconsciente obscuro. O crítico observa ainda que, pintando desde os oito anos, Scheuermann é um autodidata, com pouco ou nenhum interesse pelas escolas picturais existentes. Sugere um possível estilo expressionista na composição de seus auto-retratos, em que o fundo obscuro dos quadros contrasta com o colorido dos objetos representados. "A natureza está viva e problemática nessas telas ligadas à problematicidade do próprio artista."

Com a citação a seguir, Cassiano Nunes busca na psicanálise uma possível sustentação para sua crítica das telas de Scheuermann.

Depois de Freud, Jung e Adler, na ciência psicológica, e Kafka, Pirandello, Unamuno, Svevo e Borges, sabemos que o homem não fixa unidade. Somos uma pluralidade de "eus"...

Como fizera com base na cultura e no folclore o texto sobre a arte de Péricles Rocha e na filosofia o texto "Anjos e Sibilas" de Leda Naud, identificando o pintor Scheuermann, diante de sua arte expressionista, como um outro "eu" noturno e sombrio, Cassiano o insere no "idealismo romântico têtu", sob uma base das histórias dos estilos artísticos, rica em -ismos. Com isso assume seu ofício de crítico e revela o enigma dessas telas, desses auto-retratos nas camadas profundas de sua significação, de suas características, bem como de suas influências, filiações e também nas suas afinidades com a arte da palavra, de Kafka a Borges, de Fernando Pessoa a Pirandello, naquilo que esses extraordinários escritores apresentam sobre a fragmentação do Ser, sua grande multiplicidade. Assim conceituada e definida a pintura de Scheuermann, Cassiano Nunes conclui o ensaio com a segurança de que os próprios quadros e a confiança em si depositada pelo músico-duble de pintor lhe permitem:

Essa pintura não é doce, suave, repousante. Scheuermann quer dialeticamente extrair a beleza do *unpleasant*. É um pintor dramático. Sua arte não é só uma revelação. Ela representa porventura também um desafio.

O pintor Ramon

Pintura é cor. Nas amplas telas de Ramon Edreira o vermelho floral de sugestões carnais carrega para a superfície o genesíaco de sensualidade e erotismo.

Torna-se evidente que Brasília, pioneira, culturalmente primitiva, isto é, no início de sua evolução artística e intelectual, no setor das artes plásticas, e em especial no da pintura, já deixa ver os sinais de um movimento animador. O motivo dessa antecipação com relação à poesia, por exemplo, que considero menos progressiva, não obstante o aparecimento de obras poéticas como Cronoscópiq, de Anderson Braga Horta, que acho realização poética finíssima, talvez esteja na instalação na cidade, desde seus primórdios, de um bom número de artistas plásticos: Bianccheti, Bulcão, Rubem Valentim e outros, e até de um historiador da arte, de um esteta, que só há pouco se revelou também um artista sutil: João Evangelista. Posteriormente, novos valores chegaram: Charles Mayer, Douglas de Sá, Orlando Luiz... E junto de nós, em Goiânia e alhures, há um grupo de artistas goianos, que só pode estimular a turma de Brasília: Siron Franco, Cruvinel, Antonio Poteiro e Maria Guilhermina... Jovens de Brasília como Eduardo Carreira, Lourenço de Bem, Wagner Hermouche e outros naturalmente enchem-nos de esperança no futuro da pintura do Distrito Federal. Pouco depois de chegar a Brasília, em janeiro de 1966, ocorreu-me, em uma noite, visitar uma simpática família espanhola em um confortável sobrado na WS Sul, e lá, em determinado momento, foram mostrados aos presentes uns cartões com desenhos abstratos, trabalho de um rapazinho estudante da UnB, neto do dono da casa. Elogios não faltaram ao artista iniciante, e de fato os desenhos pareceram-me promissores. Só uma década depois ou mais, travei conhecimento em exposições com o artista que conheceu naquela reunião familiar: Ramon Edreira. Ele continuava

em evolução. Lembro-me de algumas aquarelas suas, com flores cheias de sugestões eróticas, muito líricas. Vi agora as últimas telas pintadas por este artista brasileiro: uma coleção de amplas telas em que a imaginação oriunda das profundidades do genesíaco revela suas mil faces surpreendentes e uma série sobre o tema sombrio da alienação, parada de manequins com rostos mortos, olhos vazados. O instintivo, o eterno, junta-se assim ao circunstancial, ao contemporâneo, pois não há nada mais representativo do nosso tempo que a alienação.

A paixão pela cor mostra-se em tudo que Ramon pinta mas se denuncia melhor, e até de forma explosiva, nos quadros de inspiração sexual. Há uma linha de pintores em que a preocupação formal ou de construção é mais alta: Cézanne, por exemplo. Há os que colocam como alvo principal a cor: tais como os fauves, Bonnard, Matisse.

No Brasil, um pintor revelou sua sensibilidade privilegiada na busca de cores inusitadas: Bonadei. Ramon pertence a essa linha dos gulosos, dos voluptuosos da cor. Só a passagem dos anos o irá conduzindo para as preocupações sérias da forma. Cores vivas, instintivas, gritantes, atrativas, expõem-se com o apetite forte, moço, dos que adoram, à maneira síria, o quibe cru. Mas o toque do poeta, o bom gosto salvador, nunca abandonam o nosso artista que pode brincar com o risco da grosseria (e talvez até deva fazê-lo), mas mesmo no ataque mais ousado redime-se pela intuição do estético - o supremo juiz.

O jovem Ramon, que conheci no passado distante, quando eu era ainda noviço em Brasília, já se acha instalado na sua cidade, à maneira medieval, oficial respeitado pela sua corporação. Artista no domínio das qualidades técnicas indispensáveis e sem as quais a arte se dissolve na irresponsabilidade. Fortalecido por seu conhecimento, por sua experiência, o artista, com olhar curioso, avança no seu terreno. Vejo-o saudavelmente in progress.²²

²² Texto datado de junho de 1984. A exposição *Ramon pinturas* realizou-se na Cultura Inglesa, de Brasília, de 20 de junho a 4 de julho de 1984.

De início, fazemos sobre esse texto duas observações. A primeira é quanto a riqueza de seus temas, que exigiria uma específica metodologia de análise que lhe decodificasse as referências culturais e analogias, ressaltando os reiterados procedimentos de estudos característicos do professor Cassiano. A segunda é quanto ao consenso na moderna crítica de que cada obra de literatura, pintura, escultura, teatro ou de outra qualquer dita seus métodos de análise e interpretação. Isso pode nos servir como método de análise, comentários e interpretações e particularizar o procedimento analítico do texto crítico. Repete-se um pouco mais sobre o preparo que tem Cassiano Nunes para esse tipo de crítica no que concerne ao seu grande conhecimento de arte e de artistas; de história e de cultura no sentido de evolução da sociedade e da arte. Nesse sentido, Cassiano expressa com segurança as impressões que a obra de arte lhe causam, todas as sensações que o olhar lhe transmite à sensibilidade. A exposição de Ramon Henrique Edreira Neves, pintor de origem espanhola, formado em Artes pela Universidade de Brasília, ilustra muito bem esses comentários.

Radicado em Brasília, para onde vieram, aliás, grandes intelectuais, pintores e poetas, Ramon vivência essa atmosfera cultural que caracteriza a moderna cidade. Daí o poeta-crítico distinguir nessa época e nesse espaço reais possibilidades para o jovem pintor. Primeiramente, em uma comparação, embora sem o rigor do método, pois ele já declarara não ser crítico de arte, nem mesmo amador, entre poesia e artes plásticas, Cassiano refere-se ao "movimento animador" da pintura em Brasília e adjacências, com a presença de importantes artistas plásticos. O poeta prevê algo de marcante nesses inícios para a evolução das artes na cidade. Com uma de suas costumeiras histórias sobre a vida cultural na sociedade brasiliense, onde sempre é bem acolhido, e ouvido (que extraordinária memória!), Cassiano Nunes destaca a presença do pintor Ramon desde seus tempos de estudante como uma real promessa com quadros e telas abstratos por todos elogiados. Atento à vida artística em Brasília, Cassiano acompanha também o percurso do jovem pintor: "Ele

continuava em evolução", escreve sobre novas pinturas de Ramon. São aquarelas "com flores cheias de sugestões eróticas, muito líricas", acrescenta.

Finalmente, quase vinte anos depois, na exposição individual realizada na Cultura Inglesa, Cassiano defronta-se com a "coleção de amplas telas em que a imaginação, oriunda das profundidades do genesíaco, revela as mil faces surpreendentes..." Ele caracteriza os variados aspectos conteudísticos dessas impressionantes telas por ele magistralmente captados. Releva também, na obra pictórica do pintor Ramon Edreira, os aspectos técnicos, formais com propriedades pertinentes da linguagem pictórica, sobre os quais demonstra sólido conhecimento. Fixando-se nas exuberantes cores dos quadros de Ramon, ele desce a noções teóricas sobre pintores e seus estilos. "Há uma linha de pintores em que a preocupação formal ou de construção é mais alta: Cézanne, por exemplo. Há os que colocam como alvo principal a cor: tais como os *fauves*, Bonnard e Matisse". Com isso, pode se dizer não somente da predileção de Cassiano pelos estilos artísticos modernistas, mas também falar da intimidade que o crítico tem com as artes, inclusive no Brasil, ao reconhecer, na pintura de Ramon, uma "sensibilidade privilegiada na busca de cores inusitadas", à maneira do pintor brasileiro Bonadei. Tudo isso se põe a serviço de bem situar a obra de Ramon Edreira na "linha dos gulosos, dos voluptuosos da cor". E conclui com uma premonição positiva, bem próprio de sua visão de mundo: "Vejo-o saudavelmente *in progress*".

A máquina de fabricar deuses

Arte, "testemunho vibrante de que o Homem não quer estiolar-se nem morrer..."

Quadros das diversas exposições realizadas por Sílvio Zamboni compõem, de modo patente, a história de uma evolução, cadeia em que cada um dos elos tem uma forma diferente, singular, mas, em que, ao fim dela, percebemos facilmente fortes elementos básicos, comuns no seu desenvolvimento inteiro. A meu ver, os traços gerais mais relevantes de todas as experiências plásticas do artista referido são o reconhecimento da especificidade da pintura e a aceitação da sua problematicidade.

Cada obra de arte, na sua origem, impõe-se como um problema a ser resolvido. Mesmo o objeto artístico mais simples, acadêmico e convencional enfrenta um obstáculo, que teve de ser superado. Mesmo no mais espontâneo dos poemas, descobrimos que houve a solução de um percalço, que o artista, no seu élan nem percebeu que existia... mas estava lá!

"Um quadro não é uma poltrona", gostava de dizer Sérgio Milliet, citando um artista francês, de cujo nome não me lembro agora. De fato, um quadro, sobretudo pela sua concretezude, convida-nos a uma investigação que será conduzida até chegarmos à descoberta do seu sentido, que quase sempre tem um caráter meramente plástico. Quando examinamos um quadro e nos fazemos uma pergunta sobre o significado dele, vamos encontrá-lo não na filosofia, na sociologia, etc, mas no próprio quadro. O problema da pintura é, antes de tudo, um problema plástico.

Zamboni começou pintando o figurativo - tronco tortuoso, ramagens, pedra -, mas uma luminescência que transcendentalizava as formas o afastava do expressionismo. Transfere-se

para um monocromismo, como bem disse João Evangelista, crítico perito e artista,

trabalhado em todas as gradações do preto ao quase branco, passando por uma escala de valores que correspondiam ao emprego da luz em grandes superfícies curvas minuciosamente facetadas.

Depois o pintor deslocou-se para um geometrismo plano. Finalmente chega, segundo Marba Furtado, "a uma técnica gestual, de rápidas e nervosas pinceladas", em que

o artista dá ritmo e forma e exprime pelo preciso uso de um conjunto de planos imaginários que se entremeiam, superpõem, e se agitam numa interminável viagem pela matéria.

É diante desses quadros que, agora, em Brasília se expõem que me detenho, deixando-me envolver pelas suas sugestões. Sei que seu emaranhamento, a sua confusão selvática, não representam a entrega do artista ao irracional, ou total mergulho na inspiração, mas que o pintor, poeta e crítico da sua mesma criação, atua dúplice, atendendo tanto sua sensibilidade com sua racionalidade. Mas retorno à idéia inicial: o artista plástico agudo sabe que os problemas a resolver têm de ser resolvidos na tela. E soluciona-os sempre harmoniosamente na pintura, como artista-artesão, na práxis de pintar.

*No seu livro *testamento Les Deux Sources De La Morale Et De La Religion Bergson*, salientando a exaustão e o declínio da civilização ocidental, remata assim a obra:*

Ela (a humanidade) não está inteiramente cônica de que o seu futuro depende de si mesma. Cabe a ela própria decidir se quer continuar a viver ou não. Cabe-lhe também decidir se quer continuar a viver somente, ou fornecer, além disso, o esforço

necessário para que se cumpra, em nosso planeta refratário, a função essencial do universo que é uma máquina de fazer deuses.

Essa alegria criativa, geradora do transcendente, que o filósofo esperava dos homens, quem a dá melhor que os artistas?. O mais humilde dos poemas é um veemente sim contra a Negação, contra o Nada.

Essa inquietude que acompanha Zamboni, como também outros colegas seus, nas suas horas de produção, dá o testemunho vibrante de que o Homem não quer estiolar-se nem morrer... Embora multidões alienadas pareçam-nos às vezes tragicamente derrotadas, entregues à morbidez, os artistas - "antenas da raça" - proclamam o desejo não só de sobreviver, mas também de prevalecer. Estou repetindo Faulkner.

Sílvio Zamboni, com sua exposição afirmativa, nos dá mais que uma amostra de pintor, um testemunho positivo, um bravo sim! à Vida, neste mundo-anfiteatro, dividido entre o gosto vicioso da decadência e o fervor saudável da Esperança.²³

À proporção que se lêem esses ensaios, descobre-se que não se trata de mero passatempo de poeta. Cassiano Nunes sabe o que diz. Escreve sobre o que conhece e sobre o que sente em face da arte pictórica que muito tem de analogia com sua arte de poeta e escritor. Não se faz por desfastio de diletante seu escrever sobre artes plásticas. Faz-se arte com consciência de algo a mais na sua expressão. Aliás, o saber expressar-se de Cassiano Nunes estende-se a muitos modos, embora poucos conheçam suas outras artes, de letrista de música por exemplo, ou de cantor de música popular, rara alegria

²³ Texto de 1986. A exposição do pintor Sílvio Zamboni realizou-se na ECT Galeria de Arte, de Brasília, de 7 a 27 de agosto de 1986.

que a si se concede. Não são pois moda passageira seus escritos sobre pintura. Aliás, ele deve sentir-se em boa companhia. De suas leituras prediletas, inscreve-se aquela, memorialista quase sempre, sobre artes plásticas, particularmente sobre a pintura moderna, impressionista, ou expressionista, como observamos em sua obra poética.

Com o ensaio *A máquina de fabricar deuses*, sobre quadros de Sívio Zamboni, Cassiano Nunes convence-nos da sua seriedade e responsabilidade de crítico de arte. Certo do que deseja, ele conceitua o objeto do seu interesse. Define o sujeito da sua criação quanto ao seu estilo e seu espaço, substrato, talvez, para uma história da arte entre nós, algo que se vem mostrando ainda muito restrito: "Quadros



das diversas exposições realizadas por Sílvio Zamboni compõem, de modo patente, a história de uma evolução", evolução pessoal que se estende à evolução da própria pintura no Brasil.

Portanto, a "cadeia" que se faz na pintura de Sílvio Zamboni, "em que cada um dos elos tem uma forma diferente", singularizando o seu estilo, sua poética expressa os "elementos básicos e comuns" a todo o desenvolvimento da pintura moderna no Brasil, progresso na evolução de um todo artístico.

Na conceituação da obra de arte, em que "cada obra na sua origem impõe-se como um problema a ser resolvido", percebemos a dupla dimensão em que se realiza a crítica cassianiana. Ela é, ao mesmo tempo, a explicitação das impressionantes telas de Zamboni, com aprofundamento do mistério da arte, e o prazer do espectador ao defrontar-se com o sensível e o racional geometrismo, aparentemente antipoético, de "emaranhamento" e "confusão selvática", mas que "resolve" a questão fundamental da obra de arte, solucionada harmoniosamente na pintura. Como se faria, aliás, no poema, com o ato de escrever. E como final um tanto idealista, o poeta Cassiano expressa o pensamento de Bergson sobre o destino da humanidade:

Cabe-lhe também decidir se quer continuar a viver somente, ou fornecer, além disso, o esforço necessário para que se cumpra, em nosso planeta refratário, a função essencial do universo, que é uma máquina de fazer deuses

citação de onde Cassiano Nunes pinça o título do seu trabalho. Sílvio Zamboni optou por continuar, o que vem fazendo com muito sucesso nas suas obras cada vez mais originais, sobretudo apossando-se de muitas das técnicas que o mundo de avançada tecnologia oferece.

Valdir Jagmin: a poesia na pintura

*Há pintores poetas, como poetas que pintam.
A excelência de cada arte porem se
particulariza em nível de linguagem.*

Após ter visto a coleção de quadros de sua autoria, que guarda em seu pequeno e agradável apartamento, Valdir jagmin disse-me tímido:

Sei quanto você é amolado por poetas iniciantes que frequentemente lhe vão pedir a leitura de seus versos, mas gostaria, se isto não o molestasse muito, que lesse um caderno de versos que fiz...

"Para quê? Repliquei. Acabei agora mesmo de conhecer a sua expressão poética ao ver os seus quadros..."

Realmente, a poesia de Jagmin, em um idioleto de delicadezas, acabava de me ser revelada... E verdade que a poesia, essencial, fundamental, geral, está presente não só em todas as pinturas autênticas como em todos os produtos de arte: canção ou pote de cerâmica. É por excelência a qualidade fecunda, inventiva e lírica do Ser. Não chamaria, contudo, a pintura de Jagmin de poética. Justamente porque amo muito os substantivos, tenho receio dos adjetivos. Prefiro dizer: percebo a poesia nos quadros de Jagmin. Os seus indícios são captados pelo meu olhar. Ela não se acrescenta ao seu trabalho de pintor. Já faz parte constitutiva dele, está geneticamente inserida na obra.

Douglas Marques de Sá, a propósito de seu colega, afirmou que o pintor ainda moço volta da Europa, onde estudou e trabalhou entre 1980 e 1981, "em busca das origens, da memória nacional e do nosso acervo cultural". Observação carreta do

que se patenteia. Li há pouco em Goethe um pensamento que me leva a evocar essa frase de Douglas: "Ninguém passa impunemente sob as palmeiras..." Para o gênio de Weimar, expressão apical da cultura no Ocidente, a que não ficaram ausentes muitos elementos exuberantes do Oriente, a experiência dos trópicos era marcante, indissolúvel, irreparável. Imagino que lhe atribuía uma enorme carga do vital, e poderia até dizer do animal, no melhor sentido da palavra. O etimológico e o goethiano. O animal e o ser animado, que tem alma (anima,).

O estrangeiro, que é sempre uma forma de exílio, faz com que os artistas jovens descubram fora sua própria terra natal, suas características, o típico, que nela lhe escapavam, obnubilados pela força da rotina, do quotidiano. Por essa razão, Paulo Prado escreveu sobre o inventor da poesia Pau-Brasil:

Oswald de Andrade, numa viagem a Paris, do alto de um ateliê da Place Clichy - umbigo do mundo -, descobriu deslumbrado a própria terra.

Em Paris, como Oswald e Tarsila, Jagmin também redescobre o Brasil. Retornando ao chão natal, o artista começou sua jornada de recaptção, do autóctone, do telúrico, do primevo. Alcântara, a lendária e abandonada "cidade morta", torna-se para ele a "bela adormecida", que se converte em Musa - fonte de inspiração. A coleção de quadros em que as casas longevas de Alcântara servem de tema constitui uma tentativa afortunada de solver o Enigma, que resulta da tríplice aliança da poesia, do tempo e da alma do povo. Eu digo afortunada porque por meio da arte legítima se chega perto desse Mistério eterno. Picamos próximos do "quente", para lembrar a linguagem dos folguedos infantis. A arte realizada - Cézanne, Proust ou Villa-Lobos - significa este chegar perto, o avizinhamento do extremo, do polar. Neste caso, o pintor em referência valeu-se dos sortilégios da cor, que procurou tornar mágica ou transcendente. Há,

dessa série, um quadro, que especialmente me encanta, pois, nele, como um voyeur do infinito, o espectador vê, por uma janela aberta o interior de uma casa antiga - quer dizer, carregada de pátina espiritual do passado —, e esse interior parece esconder outro interior, outro compartimento mais profundo e secreto. Abeiramo-nos daquele labirinto de revelações inauditas de que Caston Bachelard nos deu notícia ao nos descrever, como profeta de encantamentos, a Poética da casa.

As marinhas de Jagmin, inspiradas nos mares do Nordeste, contornadas por praias alvas, translúcidas, debruadas de palmeirais paradisíacos, regiões anteriores à Queda do Homem, ao Pecado Original, reproduzem o mesmo anseio do pintor-vate, vidente, de desvelar o invisível no visível, a superfície da realidade, a casca do que nos conscientizamos no dia a dia hebdomadário. É a arte que nos concede os domingos da Anunciação, da Transfiguração. Arte - epifania natural. Ainda podia falar das flores voluntariosas, em que percebo um ímpeto carnívoro, mas elas me parecem achar-se em uma linha de criação, que busca o universal, alheia ao nacional. Podia falar de outros caminhos e veredas do artista sempre terno mas inquieto. Mas esses excursos e andanças só comprovam o alvo maior: o encontro da alma consigo mesma, o auto-reconhecimento, em suma, o amadurecimento do artista. Hermann Hesse disse-nos que "a vida de cada homem é um caminho na direção de si mesmo". E claro que esse caminho passa pela problemática do humano, pela descoberta do outro, o próximo, e o distante, que também é o próximo. Mas transporta essa zona de sofrimento e amor, o artista amadureceu, enriqueceu-se. Conquistou a serenidade criadora.²⁴

²⁴ Texto de 1984. A exposição *Veredas*: Valdir Jagmin - pintura realizou-se na Galeria de Arte da Fundação Cultural do Distrito Federal, de 30 de agosto a 4 de setembro de 1984.

O ensaio "Valdir Jagmin: a poesia na pintura" exemplifica, com bastante propriedade, o ponto de vista sob o qual realizamos a pesquisa acerca da poesia de Cassiano Nunes e de seus escritos críticos sobre pintura, nas suas afinidades com as artes plásticas, principalmente no que concerne à pintura.

Embora o que mais "interessa numa obra de arte" seja "o seu caráter único", sabe-se que "a idéia de artes irmãs está enraizada na mente humana desde a antiguidade remota" e

que deve nela haver algo mais profundo do que a mera especulação, algo que apaixona e que se recusa a ser levianamente negligenciado. Poder-se-ia mesmo dizer que, com sondar essa misteriosa relação, os homens julgam poder chegar mais perto de todo o fenômeno da inspiração artística (PRAZ, 1982, p. 255).

Com muita sensibilidade, intuição e suficiente conhecimento, Cassiano Nunes realiza uma análise interpretativa da pintura de Jagmin, a qual também pode ser pensada como uma teoria da arte, considerando-se poema e quadro na sua função principal de expressão de estados emocionais, como ele declara:

É verdade que a Poesia, essencial, fundamental, geral, está presente não só em todas as pinturas autênticas como em todos os produtos de Arte: canção ou pote de cerâmica. É por excelência a qualidade fecunda, inventiva e lírica do Ser.

Esta postura do crítico-poeta faz parte dos pressupostos teóricos da história da arte, no "sentido de ser a pintura poesia muda e a poesia uma pintura falante", tecla que se vem batendo e se ensinando desde Simonides de Cós.

A solicitada leitura de versos do pintor Jagmin ao poeta crítico Cassiano Nunes motiva a interpretação de quadros, decodificando-se-lhes a poesia expressa no seu idioleto de cores, traçados, movimentos, linguagem própria da pintura. Particulariza, ao mesmo

tempo, em uma sugestão das sinestésias de sons, ritmos, símbolos e metáforas recuperadas por essas linguagens, particularmente presentes nos temas poéticos por excelência dessas "casas longevas", vivificadas pelas cores, pelas luzes e pelo movimento:

A coleção de quadros em que as casas longevas de Alcântara servem de tema constitui uma tentativa aprofundada de solver o Enigma, que resulta da tríplice aliança da Poesia, do Tempo e da Alma do Povo. [...] o pintor em referência valeu-se dos sortilégios da cor, que procurou tornar mágica ou transcendente.

Cassiano Nunes confronta o neófito poeta Jagmin - sujeito dos versos experimentais de nova expressão da sensibilidade - com o pintor Valdir Jagmin, consagrado artífice da beleza plástica. Ganham ambas as artes. O mágico do pincel Valdir Jagmin nos seus anseios de expressar-se por meio do verso não percebera que sua pintura atendia, com as suas reconhecidas qualidades, as suas legítimas aspirações poéticas. O crítico-poeta Cassiano Nunes, como Virgílio com Dante, o conduz aos excelsos mistérios da poesia de seus quadros.

É importante observar como o crítico de arte Cassiano Nunes participa, com sua aprovação, dessa conscientização, ou melhor, dessa presentificação do poeta no pintor. Aponta para este as suas marinhas, que,

...inspiradas nos mares do Nordeste, contornadas por praias alvas, translúcidas, debruadas de palmeirais paradisíacos, regiões anteriores à Queda do Homem, ao Pecado Original, reproduzem o mesmo anseio do pintor-vate, vidente, de desvelar o Invisível no visível, a superfície da realidade, a casca do que conscientizamos no dia-a-dia hebdomadário. É a Arte que nos concede os domingos da Anunciação, da Transfiguração. Arte - epifania natural.

Analisando os quadros de Valdir Jagmin, interpretando-lhes o sentido mais profundo, Cassiano sutilmente apresenta as qualidades

da poesia preexistente nas telas de Jagmin, caracteristicamente de elevada espiritualidade, com a metáfora: "É a Arte que nos concede os domingos da Anunciação".

Esse diálogo entre o pintor-vate e o crítico-poeta fez-me lembrar de algo parecido. Perguntei à escritora Margarida Patriota, que é também pintora e de quem possuo dois quadros de muito boa qualidade, por que ela deixara de pintar. "Optei pela literatura", foi sua resposta.

Parece-me que foi o que pretendeu Cassiano dizer com a análise sobre os poemas de Valdir Jagmin, e convencer-lhe de que nas artes, poesia ou pintura, tudo é poesia. Pode tratar-se apenas de uma questão de opção. Sendo a tela sua opção, o quadro traz em si a poesia, cuja presença é captada pelo olhar, e encontra-se genericamente inserida na obra artística, independentemente da linguagem em que se estrutura, configura-se.

Cassiano conclui sua análise descendo a camadas mais profundas da arte, captando seu "alvo maior: o encontro da Alma consigo mesma, o auto-reconhecimento, em suma, o amadurecimento do artista".

Amadurecimento também do escritor e poeta de que me sirvo para concluir este estudo sobre a poesia e as artes plásticas na poética cassianiana.

Referências

HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Lisboa: Edições 70, 1970.

LES MUSES. Paris, 1970.

LOBO, Danilo. *O pincel e a pena: outra leitura de Cesário Verde*. Brasília: Thesaurus, 1999.

_____. *O poema e o quadro: o picturalismo na obra de João Cabral de Melo Neto*. Brasília: Thesaurus, 1981.

NUNES, Cassiano. *Poesia - I*. Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 1997.

_____. *Poesia - II*. Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 1998.

_____. *Jornada Lírica I Antologia Poética. 2. ed.* Brasília: Thesaurus, 1992.

_____. *Vinte vezes Cassiano*. Brasília: Casa do Penedo/Thesaurus, 1997.

PRAZ, Mário. *Literatura e artes visuais*. São Paulo: Cultrix, 1982.



"Esta alegria criativa, geradora do transcendente, que o filósofo esperava dos homens, quem a dá melhor do que os artistas? O mais humilde dos poemas é um veemente SIM contra a Negação, contra o Nada."

Cassiano Nunes

Cód. EDU: 408077

ISBN 85-230-0825-X



9788523008253

